

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH

Departamento de História

Licenciatura em História

Bruno Erbe Constante

O GOLPE TUITADO: uma análise dos discursos produzidos no Twitter pelas principais lideranças do Golpe de 2016 (junho 2013 - dezembro 2015)

Porto Alegre

2019

Bruno Erbe Constante

O GOLPE TUITADO: uma análise dos discursos produzidos no Twitter pelas principais lideranças do Golpe de 2016 (junho 2013 - dezembro 2015)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado por Bruno Erbe Constante ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) como requisito básico para obtenção de título de Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientadora Prof. Dra. Claudia Wasserman

Porto Alegre  
2019

A minha família,  
Márcia Raquel Erbe,  
João Luís Constante e  
Amanda Erbe Constante,  
pelo apoio e compreensão.

A Júlia Genehr Santana,  
companheira de todas as horas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer sempre é uma tarefa complicada, porque a memória é traiçoeira: por vezes, esquecemos de sujeitos que, de uma forma ou de outra, foram importantes neste processo de transição (de licenciando para licenciado em História). Porém, injusto seria não tentar, ao menos, elencar alguns nomes que foram (e seguem sendo) combustível para que eu siga trilhando caminhos e construindo utopias.

Primeiramente (e este termo aqui é somente uma categorização, não expressando, pois, o sentido de hierarquia) quero agradecer aos governos petistas. Não fossem suas políticas públicas que olharam para minha classe social, hoje, decerto, estas linhas não estariam sendo escritas. Com orgulho, afirmo e reafirmo: sou fruto das cotas sociais (renda baixa e escola pública) e sou o primeiro de minha família a ingressar e concluir uma faculdade. Também este primeiro agradecimento se entende a docente Jade Barros, que possivelmente nem sabe que estas linhas lhe são dedicadas, mas que, porém, apresentou-me a UFRGS e as cotas no ano de 2013 (sim, fui descobrir o que era uma universidade pública somente neste ano).

Em segundo lugar, às escolas públicas, Pepita de Leão, Gustavo Armbrust e Piratini, que guiaram meu caminho rumo à UFRGS. Também agradecer à UFRGS que, apesar de não ser uma universidade ideal e ser permeada por diversos problemas, sobretudo para as(os) estudantes cotistas, mudou minha vida. Graças a esta instituição de ensino que é pública, gratuita e de qualidade, desenvolvi um pensamento prospectivo.

Em terceiro lugar, ao docente Eduardo Sarturi, cujas aulas de sociologia, lecionadas com tanto amor e dedicação pela profissão durante boa parte do ensino médio, motivaram-me a seguir este caminho de futuro docente.

Em quarto lugar, (às) aos amigos(as) que fiz durante a vida, pois, como diria o poeta, “quem tem um(a) amigo(a) tem tudo”. Felizmente, tenho vários(as). Paulo Becker, Gabriel Cassafus, Arthur Ramalho, Thales Lysakowski, Gabriel Barboza, Mariana Gama, Raul Godinho, Ewandra Palskuski, Leonardo Amorim, Erick dos Santos e Giovane Zuanazzi, obrigado por fazerem parte desta jornada.

Em quinto, a minha família que tornou a conclusão desta etapa possível. Márcia Erbe, minha mãe, sua determinação, garra e coragem me motivaram nos momentos mais complicados; João Constante, meu pai, sua calma fizeram-se presente quando o caos parecia reinar; e Amanda Constante, minha irmã, seu riso e sua alegria, apesar dos pesares, seguem-me e são parte de mim.

Por fim, mas não menos importante, a Júlia Santana, companheira que o dia dezoito me revelou imprescindível. Sua empatia, sua vontade de transformar o mundo, sua dedicação (sem igual) a tudo que faz, transformaram-me. Ademais, sua companhia em momentos de sol e, sobretudo, em dias de chuva foram fundamentais, assim como as conversas, motivações, críticas e, também, o auxílio (outra vez sem igual) na produção deste trabalho foram necessários.

A conclusão, portanto, é que a escrita deste trabalho não foi solitária, como dizem os defensores da meritocracia. Escrever, é evidente, é um processo subjetivo. Todavia, sem a presença dessas(es) sujeitos, o que sou hoje não seria possível e, neste sentido, está escrita não poderia ser concluída.

Obrigado!

*Para la injusticia  
sólo hay un remedio  
y éste no es el olvido,  
sino la justicia.*

Mario Benedetti.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar os discursos políticos produzidos no Twitter, desde junho de 2013, momento que manifestantes vão às ruas, até dezembro de 2015, ano da aceitação da abertura do processo de impeachment. Argumenta-se que este acontecimento foi um golpe de Estado e as bases para sua compreensão se encontram nas manifestações de junho. Discorre-se sobre os desafios das(os) historiadoras(es) de lidar com a internet e com o *ciberespaço*. Atenta-se, por fim, sobre a importância de visualizar este espaço como construtor e propagador de temas pertinentes à História, provedor de fontes primárias e afirma-se a necessidade de ocupá-lo.

**Palavras chave:** Golpe de 2016. Junho de 2013. Mídias sociais. Discursos Políticos. História Pública.

## **ABSTRACT**

This paper aims to analyze the political speeches produced on Twitter, since June 2013, when protesters take to the streets, until December 2015, the year of acceptance of the opening of the impeachment process. It is argued that this event was a coup d'état and the basis for its understanding lies in the June demonstrations. It discusses the challenges historians face in dealing with the internet and cyberspace. Finally, the importance of visualizing this space as a constructor and propagator of themes pertinent to History, provider of primary sources, and the need to occupy it is emphasized.

**Keywords:** Coup 2016. June 2013. Social Media. Political Speeches. Public History.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1. O GOLPE DE 2016 E AS NOVAS MÍDIAS SOCIAIS</b>	<b>12</b>
1.1 UM GOLPE COM APARÊNCIA DE LEGALIDADE	12
1.2 O DESENVOLVIMENTO DA WEB 2.0 E DO CIBERESPAÇO	24
1.3 O TWITTER	27
<b>2. QUESTÕES TEÓRICAS</b>	<b>30</b>
2.1. HISTÓRIA PÚBLICA	31
2.2 DISCURSO POLÍTICO	34
2.3. DISCURSO MUDIÁTICO	36
<b>3. POR QUE GRITAMOS GOLPE?</b>	<b>39</b>
3.1. A REDEMOCRATIZAÇÃO CONSERVADORA E A CONSTITUIÇÃO DE 1988	40
3.2. PRÉ-GOLPE: JUNHO DE 2013	44
3.3 OS DISCURSOS POLÍTICOS PRODUZIDOS NO TWITTER	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>56</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b>	<b>60</b>
1) FONTES PRIMÁRIAS	60
1.1.1. @DepEduardoCunha	60
1.1.2. @MichelTemer	62
1.1.3. @Nas_Ruas	65
1.1.4. @SkafOficial	66
1.1.5. @ReinaldoAzevedo	68
2) BIBLIOGRAFIA	70

## INTRODUÇÃO

Em 2016 eu havia ingressado na faculdade - sendo o primeiro de minha família. Neste ano, poucos meses depois desta conquista, o Brasil sofria um golpe de Estado: Dilma Vana Rousseff, a primeira presidenta na história deste país, eleita democraticamente com mais de cinquenta e quatro milhões de votos, era deposta. Como resposta imediata e legítima, as(os) estudantes de universidades públicas, que tanto haviam recebido atenção nos governos petistas, decidiram por ocupar estes espaços das universidades no intento de minimizar as perdas. E eu estava lá. Portanto, minha trajetória acadêmica é marcada por uma ruptura drástica do regime democrático, porém rotineira nos países periféricos. Após algumas leituras, decidi e descobri que trabalhar com história do tempo presente, o que abrangeria aquele período tão conturbado da política brasileira, era algo que historiadoras(es) deveriam fazer, pois, como argumentou Marc Bloch<sup>1</sup>, a História é a ciência do passado e do presente e, fornecer explicações plausíveis e inteligíveis, é a forma como nós, historiadoras(es), atuamos na sociedade em que estamos inseridas(os). Neste sentido, o campo da História Pública trouxe contribuições fundamentais, principalmente com relação à democratização do acesso às produções na área de História, ainda muito restritas ao âmbito acadêmico.

Após esse processo de amadurecimento intelectual, passei a pensar em formas de abordar essa questão tão sensível, isto é, “uma questão em que se afrontam valores e interesses, uma questão por vezes carregada de emoções, frequentemente uma questão politicamente sensível, intelectualmente complexa e na qual as questões são importantes para o presente e para o futuro comum.”<sup>2</sup> Depois de refletir sobre o ambiente que circundava os acontecimentos recentes, decidi trabalhar tais processos relacionando com as mídias sociais, visto que estas foram espaços importantes de propagação de ideias após o desfecho do impeachment. Porém, ainda não sabia qual mídia usar.

Embora eu não seja um usuário ativo do Twitter, percebi que no Facebook, mídia que utilizo com mais frequência, apareciam muitos *prints*<sup>3</sup> de tuítes antigos, anteriores à

---

<sup>1</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Ou o ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

<sup>2</sup> MÉVEL, Yannick; TUTIAUX-GUILLON, Nicole. *Didactique et Enseignement de l'Histoire-géographie au Collège et au Lycée*. França: Publibook, 2013. Retirado da tradução feita pelas(os) professoras(es) da disciplina Introdução à prática e ao ensino de História. Não possui numeração nas páginas. Disponível via Moodle UFRGS: <<https://tinyurl.com/y4v3ttzj>>.. Acesso em: 16 nov. 2019

<sup>3</sup> Print screen é uma foto tirada da tela de algum aparelho eletrônico.

deposição de Dilma, de importantes sujeitos políticos que teciam comentários a respeito da administração do país, como demonstra o tuíte a seguir, em que Michel Temer elogia sua parceira de chapa: “@dilmabr é, sem dúvida, a pessoa com mais capacidade de conduzir nosso país nos próximos quatro anos”<sup>4</sup>. Com isto, conversei com a professora Claudia Wasserman e questionei-a sobre a possibilidade de analisar a transformação dos discursos produzidos no Twitter. Sem titubear, esta disse-me que era possível<sup>5</sup>. Faltavam agora os sujeitos - objetos de pesquisa. Depois de algumas conversas, optamos por escolher um representante de cada setor da sociedade: executivo, parlamento, indústrias/empresariado, movimento social e mídia. Eis que surgem, respectivamente, os nomes de *Michel Temer*, companheiro de chapa de Dilma e representante de um alto cargo do executivo; *Eduardo Cunha*, devido à sua grande projeção no cenário político durante o governo petista; *Paulo Skaf*, por liderar as principais entidades da indústria brasileira; *Movimento Nas Ruas*<sup>6</sup>, por ter surgido no contexto das manifestações como expressão do pensamento de uma camada da população brasileira; e *Reinaldo Azevedo*, por sua posição como colunista de uma das maiores empresas do setor da mídia empresarial.

Decerto dos objetos, de onde buscar as fontes e da temática, delimitamos o recorte temporal abrangendo de junho de 2013 e dezembro de 2015. Este recorte se dá por motivações simples: em junho de 2013 já se tem “o delineamento geral de todas as forças que se articulariam mais tarde no golpe de abril de 2016”<sup>7</sup> e é neste momento que ocorre uma “virada da hegemonia ideológica até então dominante”<sup>8</sup>; e em dezembro de 2015, dois anos após as manifestações, Eduardo Cunha autoriza a abertura do processo de impeachment. Portanto, o que entendemos por pré-golpe e um dos desfechos do golpe.

---

<sup>4</sup> TEMER, Michel. @dilmabr é, sem dúvida, a pessoa com mais capacidade de conduzir nosso país nos próximos quatro anos. [S.I.] 30 jul. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/srupm4e>>. Acesso em: 16 nov. 2019. Chama a atenção o número de interações nesta publicação: mais de onze mil *retuítes* e quase cinco mil *curtidas*.

<sup>5</sup> Como as fontes analisadas serão todas produzidas no Twitter cabe, de antemão, duas observações: 1) no intento de diminuir o corpo textual do endereço do sítio em que o tuíte fora feito, utilizar-se-á o encurtador de *link* TinyURL <<https://tinyurl.com/>>. Tal sítio também será utilizado para demais citações; 2) no corpo textual deste trabalho serão citados os tuítes conforme foram publicados.

<sup>6</sup> Como não foram encontrados, no recorte temporal estabelecido, tuítes do MBL (Movimento Brasil Livre), do Vem Pra Rua ou de suas principais lideranças, os quais possuíam maior visibilidade no contexto das manifestações de 2013, escolhemos o *Movimento Nas Ruas*, surgido no mesmo contexto e com publicações mais frequentes nesta mídia social

<sup>7</sup> SOUZA, Jessé. *A radiografia do golpe*. Entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016, p. 95.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 87.

Para analisar as fontes, tornava-se necessário uma teoria que versasse sobre como refletir acerca dos discursos de maneira crítica. Para tanto, a teoria da análise do discurso fez-se presente. Nesta, a compreensão do discurso produzido pelo sujeito enquanto manifestação subjetiva foi muito válida, pois, embora alguns tuítes apareçam como sendo publicados pela *assessoria de imprensa*, pensamos que, se o proprietário da conta não pensasse o que fora escrito, jamais deixaria que isso fosse externado no ciberespaço. Ademais, de acordo com algumas(uns) autoras (es) do campo da teoria do discurso político, apesar deste campo de análise tradicionalmente deter-se, de maneira geral, aos discursos políticos produzidos em espaços clássicos da política, percebe-se que a política está mais do que nunca sendo realizada em outros espaços. Ou seja, neste trabalho, adota-se a concepção extensiva do discurso político. Além disso, outro problema surgia: como lidar, de forma crítica, com fontes primárias digitais exclusivas produzidas no Twitter? Para isto, recorreu-se a trabalhos que refletiam sobre as mídias tradicionais e tentou-se adaptar estas(es) teóricas(os) ao espaço digital, visto que, muito do que foi pensado sobre esses espaços poderia ser visto na mídia social.

## §

No primeiro capítulo, busca-se argumentar sobre o conceito de golpe e sobre como este conceito se aplica ao ocorrido em 2016. Embora seja um golpe de novo tipo, teatralizado, isto é, com aparência de legalidade e normalidade, chamar o processo de impeachment é um erro conceitual. Em seguida, em virtude das fontes deste trabalho serem produzidas em uma mídia social, o Twitter, pretende-se explicar como esta mídia social surgiu e qual sua relação com o conceito de *web 2.0*, alertando sobre as características singulares deste *ciberespaço*.

No segundo capítulo, busca-se abordar questões teóricas importante para se pensar, de forma crítica, as fontes do trabalho. Para tanto, reflete-se sobre a teoria do *discurso político* e do *discurso midiático*, visto que os tuítes são compreendidos como discursos políticos e são produzidos em uma mídia, embora não tradicional. Ademais, como este trabalho tem por pretensão que públicos diversos o leiam, sobretudo o não acadêmico, reflete-se sobre os impactos do incipiente campo da *história pública* e sua relação com a internet.

No terceiro e último capítulo, discorre-se sobre a redemocratização pós-ditadura e o pacto constitucional de 1988 que fora rompido em 2016. Em seguida, reflete-se sobre as

manifestações de junho de 2013 e argumenta-se que é neste momento que as bases para o golpe são lançadas. Por fim, analisam-se as transformações discursivas nos tuítes, buscando identificar quais dos sujeitos analisados foram mais agressivos contra o governo e contra a presidenta Dilma Rousseff.

## 1. O GOLPE DE 2016 E AS NOVAS MÍDIAS SOCIAIS

Neste capítulo, busca-se tornar patente que o ocorrido em agosto de 2016 deve ser denominado *golpe*, discorrendo que este foi possibilitado por uma série de fatores que se somam. Atenta-se para a remodelação dos golpes clássicos, no intuito de aparentar legalidade, substituindo-se a presença de militares nas ruas por outros artifícios políticos. Para tanto, analisam-se os discursos políticos de alguns dos principais sujeitos envolvidos neste acontecimento. Sendo estes discursos produzidos e divulgados em um *ciberespaço*, pretende-se explicar o conceito de *web 2.0* e qual sua influência para o desenvolvimento das novas mídias. Escreve-se, mais detalhadamente, a respeito da mídia social relevante para este trabalho, o Twitter, revelando suas especificidades e sua importância na atualidade.

### 1.1. UM GOLPE COM APARÊNCIA DE LEGALIDADE

“URGENTE: PSDB pede cassação do registro de candidatura de Dilma Rousseff”<sup>9</sup>, eis o tuíte do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) em 18 de dezembro de 2014. O tuíte, além desta mensagem, continha o *link* para acesso ao processo jurídico protocolado no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Neste documento, de cinquenta e quatro páginas, a tentativa de criminalização de Dilma Rousseff e seus apoiadores faz-se constante. A ação de investigação judicial eleitoral inicia com a seguinte afirmação:

a eleição presidencial de 2014 (...) *revelou-se manchada de forma indelével pelo abuso de poder, tanto político quanto econômico*, praticado em proveito dos primeiros réus, DILMA VANA ROUSSEFF e MICHEL MIGUEL ELIAS TEMER LULIA, reeleitos Presidente e Vice Presidente da República, respectivamente<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA (PSDB). *URGENTE: PSDB pede cassação do registro de candidatura de Dilma Rousseff*. 18 dez. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wyzw2zf>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

<sup>10</sup> ALCKMIN, José Eduardo Rangel de. *et al. Ação de Investigação Judicial Eleitoral*. Brasília. 18 dez. 2014, p. 2. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y5ex6q9p>>. Acesso em: 05 nov. 2019. Grifos meus.

Nas páginas subsequentes, a candidata vencedora é acusada de prática de “*abuso do poder político*”, através da manipulação de “*indicadores socioeconômicos*”<sup>11</sup> e da “*utilização indevida de prédios e equipamentos públicos*”<sup>12</sup>, além de praticar “*abuso de poder econômico*”<sup>13</sup>. Tudo isso teria sido feito em período não eleitoral, comprometendo a lisura das eleições. Se Rousseff foi responsabilizada por tais práticas, “*também as entidades sindicais se mostraram extremamente ousadas na divulgação de notícias e artigos favoráveis aos investigados e desabonadores, quando não falsos e difamatórios, em relação ao candidato Aécio Neves*”<sup>14</sup> e houve “*conduta ilícita dos agentes públicos, portanto, enseja violento e inaceitável abuso do poder político e econômico que tisonou irremediavelmente a legitimidade da eleição*”<sup>15</sup>, referindo-se ao suposto financiamento de campanha “*por dinheiro oriundo da corrupção da Petrobrás*”<sup>16</sup>. A ação movida contra a candidata termina sugerindo “*declarar inelegíveis os representados, cassando-se o registro dos candidatos beneficiados com os atos de abuso de poder*” e, “*em consequência, que sejam diplomados como Presidente e Vice-Presidente os candidatos componentes da chapa formada pelos requerentes [Aécio Neves e Aloysio Nunes], nos termos da jurisprudência assentada por esse colendo Tribunal Superior Eleitoral*”<sup>17</sup>.

Desta forma, percebe-se que, embora as bases do golpe<sup>18</sup> contra o estado democrático brasileiro sejam dadas nas manifestações de junho de 2013, pois é neste momento que as condições de emergência da fraude do impeachment são propiciadas<sup>19</sup>, é a partir da chegada da eleição presidencial<sup>20</sup> e com o resultado de mais uma derrota da coligação da direita que se inicia o golpe.

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 14. Grifos meus.

<sup>13</sup> ALCKMIN et al., 2014, p. 45. Grifos meus.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 33. Grifos meus.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 32. Grifos meus.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 26. Grifos meus.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 53-54. Grifos meus.

<sup>18</sup> Ao final deste subcapítulo explicar-se-á porque *golpe*.

<sup>19</sup> Ver subcapítulo 3.2.

<sup>20</sup> Nota-se que no dia 23 de outubro de 2013 a empresa Veja publicou um editorial com a seguinte capa: “O doleiro Alberto Youssef, caixa de esquema de corrupção na Petrobras, revelou à Polícia Federal e ao Ministério Público, na terça-feira, que *Lula e Dilma Rousseff tinham conhecimento das tenebrosas transações na estatal*.” Todavia, tal delação jamais fora comprovada. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2etejsb>>. Acesso em 05 nov. 2019.

O segundo governo de Rousseff seguiu o modelo político-econômico adotado em seu primeiro mandato: o *neodesenvolvimentismo*. Tal política entendia a necessidade do papel do Estado na economia e na sociedade, associada a um empresariado nacional com papel importante. André Singer, cientista político que estuda há algum tempo os governos petistas, aponta algumas características dessa agenda: redução dos juros, uso intensivo do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), aposta de reindustrialização como sustentáculo da economia, desonerações fiscais, desenvolvimento infraestrutural, reformas no setor elétrico, proteção do Produto Interno Bruto (PIB), controle de capitais<sup>21</sup>. Porém, como atesta o cientista econômico Alexandre Stein, “foram deixados de lado instrumentos que visassem à promoção de *maiores mudanças estruturais*”<sup>22</sup>. Nesse sentido, “o projeto novo desenvolvimentista (...) não trazia em seu bojo a perspectiva de desalojar o ordenamento das classes sociais, mas, pelo contrário, a *conciliação entre as aspirações divergentes* desses segmentos”<sup>23</sup>. Armando comenta esta divisão da sociedade com precisão:

De um lado, tínhamos uma frente política heterogênea que agrupava a *grande burguesia interna*, composta pelas empresas brasileiras (...), parte da *baixa classe média*, a maior parte da *classe operária*, do *campesinato* e dos *trabalhadores da massa marginal*.

(...) De outro lado, temos o campo *político neoliberal puro e duro* (...). Essa frente era dirigida pela fração da *burguesia brasileira integrada ao capital internacional*, cujas propostas de política econômica e externa preteriam interesses de grupos econômicos brasileiros integrantes da burguesia interna. (...) O capital internacional e a fração da burguesia brasileira a ele associado contavam com o apoio eleitoral da *alta classe média*<sup>24</sup>.

Contudo, com o agravamento da crise econômica interna derivada da crise internacional, pouco a pouco um dos basilares do governo, a burguesia industrial nativa, foi migrando e incorporando os ideais neoliberais<sup>25</sup>, representados pela burguesia rentista. André

<sup>21</sup> Para mais informações ver: SINGER, André. Cutucando onças com varas curtas: o ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). *Novos Estudos 102*, jul. 2015, p. 43-45.

<sup>22</sup> STEIN, Alexandre de Queiroz. *Desenvolvimento no primeiro governo Dilma*: intencionalidade, capacidades políticas e financeirização. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Ciências Econômicas na UFRGS, 2016, p. 95. Grifos meus.

<sup>23</sup> MIORANDO, Bernardo Sfredo. Ação conservadora e o golpe brasileiro de 2016: vislumbres da Venezuela de 2002 nos embates entre dependência e desenvolvimentos. *Rebela*, v. 8, n. 1, jan./abr. 2018, p. 134-35. Grifos meus.

<sup>24</sup> BOITO JR, Armando. Os atores e o enredo da crise política. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 27. Grifos meus.

<sup>25</sup> Para mais informações ver: DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

Singer sugere cinco argumentos para tentar justificar essa migração. Entre estes, o quinto merece destaque, a saber, “*a quantidade de interesses empresariais contrariados (...)*”<sup>26</sup>.

Isto pode ser percebido em alguns tuítes de Paulo Skaf<sup>27</sup>, que várias vezes comentou que a “burocracia atrapalha o crescimento”<sup>28</sup> das indústrias; que “a conta não é nossa”<sup>29</sup>, referindo-se aos gastos arcados pelo setor industrial e empresarial em virtude dos “abusos” econômicos cometidos por Dilma e seu governo; e que a “política econômica freia o crescimento [das indústrias] e já não funciona mais”<sup>30</sup>. Todavia, outros dois tuítes devem ser enfatizados: 1) o primeiro, publicado em 27 de fevereiro de 2014, dizia que “já passamos da hora de mudar a política econômica”<sup>31</sup>, criticando o projeto neodesenvolvimentista; 2) o segundo, quase um ano depois deste, em 19 de janeiro de 2015, alertava o governo que “se necessário, não hesitaremos em mobilizar a sociedade (...)”<sup>32</sup>, cujo *não hesitaremos* refere-se aos setores industriais da FIESP e CIESP.

Tendo em vista esse cenário de confrontos com o setor empresarial, expressos no discurso de Skaf, o governo,

em um momento de ampliação de conflitos sociais e políticos, e em uma fase de *desaceleração do ciclo econômico*, (...) preferiu realizar políticas que, teoricamente, *apaziguariam a insatisfação empresarial*, ainda que prejudicassem seus próprios aliados na base. *O resultado foi o oposto do esperado*: além de aprofundar a recessão e o afastamento empresarial, a virada na política econômica alienou parte da população para quem era verossímil a acusação de “estelionato eleitoral” (ou

<sup>26</sup> SINGER, *op. cit.*, p. 67. Grifos meus.

<sup>27</sup> Liderança da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP).

<sup>28</sup> SKAF, Paulo. #Burocracia atrapalha crescimento, diz Paulo Skaf para a rádio @MORADAFM, de #Araraquara. <http://bit.ly/13UnqX5> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 09 ago. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sckseuz>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

<sup>29</sup> SKAF. Leia 'A conta não é nossa', novo artigo do presidente da @Fiesp e do @Ciesp no @DiarioSP. <http://bit.ly/1dQl6Vx> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 22 jul. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y447jmmn>>.

<sup>30</sup> *Idem*. “Essa política econômica freia o crescimento e já não funciona mais” (Skaf sobre Selic em 10%) <http://bit.ly/ItoHjs> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 27 nov. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/u2xy4rm>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

<sup>31</sup> *Idem*. Em nota oficial sobre resultado do PIB de 2013, Skaf afirma: “já passamos da hora de mudar a política econômica”. #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 27 fev. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qsrn3y>>. A nota pode ser vista na íntegra em: <<https://tinyurl.com/v4h8x6k>>

<sup>32</sup> *Idem*. No tuíte completo: “Se necessário, não hesitaremos em mobilizar a sociedade para, juntos, lutarmos no Congresso contra qualquer... <http://fb.me/3TOOsR3WK>”. [S.I.] 19 jan. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vc2473r>>. O link contido no tuíte pode ser conferido em: <<https://tinyurl.com/yy2n46yx>>. Ambos acessados em 05 nov. 2019.

mesmo “traição”) feita pelos grandes meios de comunicação e pela oposição partidária<sup>33</sup>.

Por esta razão, Armando Boito Jr salienta que no neodesenvolvimentismo não se priorizava os interesses das grandes massas, “mas sim os interesses das grandes empresas nacionais” e, por isto, podemos compreender como aquelas(es) que se beneficiaram com as políticas públicas dos governos petistas, ou seja, a nova classe trabalhadora, passaram “a retirar seu apoio a essa política”<sup>34</sup>. A perda deste apoio político ficou mais viável com a construção da opinião pública<sup>35</sup> feita pela grande mídia.

Em consonância com os ideais acima expostos, a mídia empresarial colocou “em movimento uma máquina de propaganda incontestável (...) para criar opinião e atmosfera para o golpe (...)”<sup>36</sup>. Entre as grandes empresas midiáticas, organizações Globo, grupo Folha, grupo Estado e grupo Abril/Veja<sup>37</sup>, destaca-se esta última, sobretudo pelas publicações de Reinaldo Azevedo<sup>38</sup>, colunista desta empresa que tecia críticas ferrenhas ao governo petista em sua conta no Twitter.

Em 14 de janeiro de 2013, Azevedo tuitou: “Foi Dilma que fez: Elétricas perdem quase R\$ 40 bilhões na Bolsa (...)”<sup>39</sup>. Neste tuíte havia um *link* que direcionava a(o) usuária(o) para o sítio da Veja que continha seu texto na íntegra. Embora este não fale especificamente em corrupção, Azevedo, alinhado aos ideais neoliberais, argumenta que

<sup>33</sup> BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o Golpe de 2016: poder estrutural, condição e ideologia. *Economia Contemporânea*, n. especial, 2017, p. 5.

<sup>34</sup> BOITO JR, 2016, p. 28-29.

<sup>35</sup> No sentido gramsciano: “O que se chama de ‘opinião pública’ está estreitamente ligado à *hegemonia política*, ou seja, é o ponto de contato entre a ‘sociedade civil’ e a ‘sociedade política’, entre o consenso e a força. O Estado, quando quer iniciar uma ação pouco popular, cria previamente a opinião pública adequada, isto é, *organiza e centraliza certos elementos da sociedade civil*.” GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere* (v. 3): Maquiavel, notas sobre o estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 267. Grifos meus.

<sup>36</sup> LOPES, Mauro. As quatro famílias que decidiram derrubar um governo democrático. In: JINKINGS; DORIA; CLETO, 2016, p. 120.

<sup>37</sup> Controladas, respectivamente, pelas famílias Marinho, Frias, Mesquita e Civita.

<sup>38</sup> Reinaldo Azevedo é uma espécie de Carlos Heitor Cony dos tempos modernos. Cony, assim como Azevedo, fazia parte de um grande grupo empresarial jornalístico: o Correio do Amanhã. Em suas colunas, criticava, diuturnamente, o governo João Goulart. Na madrugada do dia 31 Março para o dia 01 de Abril, publicou o famoso “BASTA” e “FORA”, em que pedia a saída do Goulart. Após a consumação do golpe de Estado, Cony passou a ser censurado. Alguns dias depois, publicou o histórico texto intitulado “A Revolução dos Caranguejos”, em que criticava a ditadura vigente. Azevedo, neste sentido, assemelha-se à Cony.

<sup>39</sup> Reinaldo Azevedo geralmente utilizava o Twitter para divulgar seus textos escritos no sítio da revista Veja. AZEVEDO, Reinaldo. *Foi Dilma que fez: Elétricas perdem quase R\$ 40 bilhões na Bolsa: Na http://VEJA.com: A crise no setor elétr... http://bit.ly/VQAucW*. [S.I.] 11 jan. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/toqfflk>>. Acesso em 05 nov. 2019.

“controlada pelo governo federal, a empresa perdeu praticamente metade de seu valor de mercado (...)”<sup>40</sup>, ou seja, de acordo com este raciocínio o problema central seria o fato da empresa em questão ser propriedade do Estado. Esse alinhamento torna-se ainda mais perceptível no seguinte tuíte: “O Brasil tem jeito: *privatização de estatais* e quase extinção de cargos de confiança. Vai encarar, Dilma?”<sup>41</sup>.

Ademais, o jornalista atacou Dilma e seu partido antes, durante e após as eleições. Isto fica evidente em algumas publicações, como: “Campanha de Dilma *imita peças das ditaduras* militar e do Estado Novo (...)”<sup>42</sup>; “PT celebra a política do ódio”<sup>43</sup>; “Dilma vence por pouco e tem à sua frente a economia estagnada e o fantasma do impeachment”<sup>44</sup>.

Porém, a tática mais usada pela mídia, representada aqui por Reinaldo Azevedo, e que surtiu maior efeito, foi a de associar o governo de Dilma à corrupção<sup>45</sup>, porque

historicamente, *apenas o tema da corrupção*, no Brasil, propicia a *manipulação perfeita do público cativo*: aquela que não toca nem de perto no acordo das elites nem nos seus privilégios e permite focar todo o fogo no *inimigo de classe*.<sup>46</sup>

<sup>40</sup> *Idem*. Foi Dilma que fez: *Elétricas perdem quase R\$ 40 bilhões na Bolsa*. Disponível em: <<https://tinyurl.com/s77afd6>>. Acesso em 05 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>41</sup> *Idem*. O Brasil tem jeito: *privatização de estatais e quase extinção de cargos de confiança. Vai encarar, Dilma?*. [S.I.] 14 dez. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rsfsyf4>>. Acesso em: 05 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>42</sup> *Idem*. *Campanha de Dilma imita peças das ditaduras militar e do Estado Novo e cria o “Pessimildo”*. [S.I.] 16 set. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/trrjtpq>>. Acesso em: 05 nov. 2019. Grifos meus. O jornalista compara a campanha de Dilma com táticas usadas por ditaduras.

<sup>43</sup> *Idem*. *PT celebra a política do ódio*. [S.I.] 21 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rtwmvqf>>. Nesta publicação, havia o endereço de um texto em seu blog com o seguinte título: *PT celebra a política do ódio*; em discurso, *Dilma admite que degola pessoas*, mas, à moda do Estado Islâmico, diz que a culpa é do adversário. Os fascistoides estão assanhados e esqueceram que, se ganharem, terão de governar — e essa será a parte mais difícil”. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rttr4ek>>. Ambos acessados em: 05 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>44</sup> *Idem*. *Dilma vence por pouco e tem à sua frente a economia estagnada e o fantasma do impeachment. Pode contar com a gente...* [S.I.] 26 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sf4zn8m>>. É curioso o como o jornalista descreve a vitória no título de seu texto: “CAMPANHA DO ÓDIO, DA VIOLÊNCIA E DA MENTIRA OBTÉM A MAIORIA NAS URNAS: DILMA SE REELEGE COM QUASE 52% DOS VOTOS. (...)” No corpo textual, destaca que “o PT não se caracteriza exatamente por fazer campanhas limpas. Gosta de dossiês e de montar bunkers para destruir reputações; adere com impressionante presteza às práticas mais odientas da política; transforma adversários em inimigos; não distingue a divergência legítima da sabotagem e o oponente de um alvo a ser destruído; julga-se dotado de um exclusivismo moral que lhe confere o suposto direito de enlamear a vida das pessoas. Não foi diferente desta vez. (...) Vejam de novo o placar: Dilma venceu Aécio por uma pequena diferença. Quantos desses votos são a expressão do terror, do medo, do clientelismo mais nefasto? (...) pessoas economicamente vulneráveis, que estão à mercê do Bolsa Família, acabam decidindo não exatamente com menos informação, mas com menos liberdade”. Para ler o texto completo: <<https://tinyurl.com/rcltqhz>>. Ambos acessados em: 06 nov. 2019.

<sup>45</sup> Corrupção aqui é entendida não somente como o desvio de dinheiro, tal qual o senso comum associa, mas sim como uma prática que tem como finalidade a obtenção de vantagens pessoais por meios ilegais.

<sup>46</sup> SOUZA, 2016, p. 88. Grifos meus.

Assim sendo, inúmeros tuítes do jornalista construíram para a opinião pública a imagem de um governo corrupto - ou, pelo menos, conivente com tal prática. Três desses merecem destaque.

O primeiro associa a figura da presidenta a atos ilegais cometidos por João Vaccari Neto: “Tesoureiro do PT, considerado peça-chave do Petrolão, é um dos homens fortes da campanha de Dilma”<sup>47</sup>. Aqui, o jornalista utiliza um texto de Marcela Mattos, também repórter da empresa Veja. Salta aos olhos o silogismo proposto por Azevedo: Vaccari é o principal articulador da campanha da presidenta e estaria envolvido em esquemas de corrupção, logo, a candidata à reeleição também seria corrupta. Isto pode ser inferido a partir do seguinte trecho: “A função de Vaccari, no entanto, vai além de cuidar do financeiro do PT: ele tem posto privilegiado no projeto eleitoral da presidente Dilma”<sup>48</sup>.

O segundo versa sobre a suposta destruição da estatal Petrobras pelo governo petista: “O regime petista prometeu conduzir a Petrobras à glória. O regime petista quebrou a #Petrobras”<sup>49</sup>. Aqui, Azevedo cita a delação de Yousseff em que este afirma a ciência de Dilma a respeito de todos os esquemas e, caso esta delação fosse comprovada, adverte o jornalista em seu blog: “Dilma vai cair não porque será vítima de um golpe, mas porque será colhida pela lei. Golpismo seria o país continuar com uma presidente da República que *permite o assalto aos cofres públicos*”<sup>50</sup>. Nota-se que os argumentos se constroem a partir da premissa de que caso a presidenta fosse deposta, seria por sua cumplicidade com esquemas de corrupção.

O terceiro vai direto ao ponto: “Quanto custa para *comprar um deputado ou um senador? Dilma está pagando R\$ 748 mil por cabeça!*”<sup>51</sup>. No texto, Azevedo afirma, sem titubear, que “a presidente Dilma Rousseff e seus sábios decidiram mesmo ir às compras.

---

<sup>47</sup> AZEVEDO. *Tesoureiro do PT, considerado peça-chave do Petrolão, é um dos homens fortes da campanha de Dilma*. [S.I.] 21 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qpv47xp>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

<sup>48</sup> AZEVEDO. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wnbm38j>>. Acesso em 06 nov. 2019.

<sup>49</sup> *Idem*. *O regime petista prometeu conduzir a Petrobras à glória. O regime petista quebrou a #Petrobras. Tem que pagar...* [S.I.] 19 nov. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/s7m6fsc>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

<sup>50</sup> AZEVEDO. *O regime petista prometeu conduzir a Petrobras à glória. O regime petista quebrou a Petrobras. E tem de pagar por isso nos tribunais e nas urnas*. Disponível em: <<https://tinyurl.com/trh8e2l>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

<sup>51</sup> *Idem*. *Quanto custa para comprar um deputado ou um senador? Dilma está pagando R\$ 748 mil por cabeça!*. [S.I.] 01 dez. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/udhy3e8>>. Acesso em: 06 nov. 2019. Grifos meus.

Botaram R\$ 444,7 milhões na bolsa e foram ao mercado da Câmara e do Senado para encher o carrinho de deputados e senadores”<sup>52</sup>.

A construção da imagem à opinião pública por parte da mídia, desempenhando um papel de rebocadora<sup>53</sup>, da ideia de que Dilma era a personificação de corrupção<sup>54</sup>, foi importante tanto para a perda de apoio quanto para a radicalização à direita das manifestações de rua em 2015. Neste ano, ao contrário das manifestações de 2013 e 2014 que tiveram discursos dispersos, ocorre a centralização em torno de duas pautas que guiarão as manifestações: “o (...) ‘*impeachment* de Dilma Rousseff’” e o “discurso anti-PT”<sup>55</sup>.

Embora o primeiro grande ato tenha acontecido no dia quinze de março<sup>56</sup>, reunindo milhares de manifestantes nas distintas capitais<sup>57</sup> do país, fala-se em dois milhões por todo o Brasil<sup>58</sup>, antes deste ato já se pedia o impeachment. No Twitter do Movimento Nas Ruas, foi publicado no dia 14 de janeiro de 2015: “Impeachment Dilma Rousseff é imprescindível! Reparos Urgentes precisam ser feitos! Somos Chacota política”<sup>59</sup>. Porém, é a partir do dia quinze de março que ocorre a massificação da ideia do impeachment e do antipetismo,

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://tinyurl.com/rxsmfpy>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

<sup>53</sup> Cf. GRIJÓ, Luiz Alberto. A democracia sequestrada: mídia e poder no Brasil atual. *Anos 90*, v. 23, n. 43, jul. 2016, p. 67-92.

<sup>54</sup> “O discurso articulou-se em uma forte cadeia de *equivalência* onde três elos o organizavam, *Dilma-PT-corrupção*, e se antagonizavam ao Brasil representado pelos manifestantes vestidos de amarelo.” PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). *Lua Nova*, São Paulo, 100, 2017, p. 149. Grifos meus.

<sup>55</sup> PINTO, 2017, p. 148. Grifos originais.

<sup>56</sup> Em matéria publicada no sítio do Estadão, o seguinte trecho vai ao encontro do argumento exposto anteriormente: “Os manifestantes pediram o fim da *corrupção*, reclamaram da situação econômica e *defenderam o impeachment* da presidente. Uma minoria falou em intervenção militar. O *antipetismo* foi marca comum entre todos os grupos que decidiram protestar”. Disponível em: <<https://tinyurl.com/uqppedh>>. Acesso em: 07 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>57</sup> É importante destacar que houve uma mudança nos pontos de encontros das manifestações, conforme argumenta Céli Pinto: *As manifestações populares em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, desde quando contra a ditadura militar, aconteciam nos centros históricos (centros velhos) dessas cidades: Praça da Sé em São Paulo; Cinelândia no Rio de Janeiro e Largo da Prefeitura em Porto Alegre. As manifestações de março de 2015 deslocaram as concentrações para locais e/os bairros de classe média alta: avenida Paulista e seu entorno em São Paulo, Copacabana no Rio de Janeiro, Moinhos de Ventos em Porto Alegre, para citar apenas alguns exemplos em grandes capitais. Esse deslocamento não é um detalhe, espelha o tipo de pessoas que era esperado nas manifestações. O deslocamento no domingo (dia das manifestações) dos moradores da periferia para os locais onde as manifestações ocorreriam seria de grande dificuldade. Isso não implica dizer que havia a intenção de não ter setores populares nas manifestações, mas sim de que não era para esses setores que estavam sendo dirigidas as convocações*”. PINTO, *op. cit.*, p. 148.

<sup>58</sup> Mais de dois milhões de brasileiros foram às ruas contra a corrupção. *GI Globo*, 16 mar. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w25rnzb>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

<sup>59</sup> NAS RUAS, Movimento. *Impeachment Dilma Rousseff é imprescindível! Reparos Urgentes precisam ser feitos! Somos Chacota política*. [S.I.] 14 jan. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/t2tdt2e>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

podendo ser visto em diversos tuítes do Movimento Nas Ruas: “#Impeachment #ForaDilma #ForaPT”<sup>60</sup>, aqui, além das *hashtags*<sup>61</sup>, foi publicada uma imagem com os dizeres “sem impeachment não tem reforma política #foradilma”; “É hoje, não esqueçam de colocar a hastag antes, assim: #ForaPT #ForaDilma #SaiDilmaVez (...)”<sup>62</sup>; “É PT, o povo BRASILEIRO se cansou de dois pesos e duas medidas para tudo. #FORAPT”<sup>63</sup>; “2016 sem Dilma. 2016, todos nós unidos, nas ruas, pelo impeachment !”<sup>64</sup>. Tais tuítes persistiram no decorrer do ano e foram produzidos até agosto de 2016, data do afastamento da presidenta. Pode-se inferir, portanto, que a “articulação entre mídia - como braço dos endinheirados que cuida da violência simbólica -, comandando e estimulando as manifestações de rua da fração mais conservadora da classe média (...) formou a linha de frente do golpe reacionário”<sup>65</sup>.

Tão importante quanto tudo isso - pedido de impugnação da chapa vencedora, guinada dos setores industriais ao neoliberalismo, perda de apoio popular, construção de uma opinião pública que teria reflexo nas manifestações de ruas - é o papel desempenhado pela figura de Eduardo Cunha.

Cunha passou a ter visibilidade nacional apenas no governo Dilma. Paradoxalmente, embora seja membro do partido da base governista, criou diversas dificuldades ao governo. Isto fica evidente no seguinte tuíte: “A proposta apresentada pelo PT para plebiscito *nao contara com o apoio da bancada do PMDB*”<sup>66</sup>. Além dessas obstruções, o deputado estava, sempre que possível, criticando o partido de Dilma: “O Pt tem mais condições de competir em gastos de campanha, por isso para eles reduzir custo nao e a prioridade”<sup>67</sup>; “Me parece

<sup>60</sup> *Idem.* #Impeachment #ForaDilma #ForaPT. [S.I.] 18 mar. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yx72ohkf>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

<sup>61</sup> Termo associado a discussões ou assuntos que se deseja indexar na mídia social, precedendo com o símbolo (#) à palavra, frase ou expressão. Após a publicação, transforma-se em hiperlink que redireciona as(os) usuárias(os) para publicações que possuam a mesma hashtag.

<sup>62</sup> NAS RUAS. *É hoje, não esqueçam de colocar a hastag antes, assim: #ForaPT #ForaDilma #SaiDilmaVez Copie e cole!!*. [S.I.] 26 abr. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ro8qkuf>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

<sup>63</sup> NAS RUAS. *É PT, o povo BRASILEIRO se cansou de dois pesos e duas medidas para tudo. #FORAPT*. [S.I.] 30 ago. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tg4ms7c>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

<sup>64</sup> *Idem.* 2016 sem Dilma. 2016, todos nós unidos, nas ruas, pelo impeachment ! #2016semPT. [S.I.] 24 dez. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tmh48jj>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

<sup>65</sup> SOUZA, 2016, p. 122-123.

<sup>66</sup> CUNHA. *A proposta apresentada pelo PT para plebiscito nao contara com o apoio da bancada do PMDB*. [S.I.] 28 ago. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/twyjphr>>. Acesso em: 07 nov. 2019. Grifos meus. Referindo-se a proposta do plebiscito sobre a Reforma Política.

<sup>67</sup> *Idem.* *O Pt tem mais condições de competir em gastos de campanha, por isso para eles reduzir custo nao e a prioridade*. [S.I.] 25 set. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v43hhwe>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

que e um erro em que no futuro o PT arcaria com o custo do seu isolamento mó Congresso”<sup>68</sup>; e “O numero de insatisfeitos na bancada do PMDB aumenta a cada dia e parece que vai aumentar mais com essas agressões descabidas”<sup>69</sup>.

Sobre este último, alguns apontamentos: dois dias antes, em 5 de março de 2014, Cunha já havia dado sinais de que poderia vir a romper com a base governista a qualquer momento: “Não sigo e nem seguirei a minha vontade e sim a da maioria da bancada”<sup>70</sup>. De forma mais direta: “Além disso e bom que saibam que dentro da bancada da Camara,tenho sido bombeiro,porque a vontade de muito tempo já era de sair fora”<sup>71</sup>. Nota-se, portanto, que muito antes de ser eleito presidente da Câmara e conduzir a abertura do processo de impeachment, Cunha já não era um aliado digno de confiança, por parte de Dilma e seu partido. Para ratificar tal argumento, torna-se patente ressaltar que quando lançou sua candidatura para concorrer ao cargo de presidência da Câmara, o deputado comentou que não seria submisso ao Planalto<sup>72</sup>.

Em harmonia com isto, o tuíte feito por Michel Temer, um ano antes da declaração de Cunha, em 2013, é significativo: “Quem dá o tom da política no país é o PMDB”<sup>73</sup>. Temer publica, junto ao corpo textual do tuíte, o *link* da entrevista concedida ao jornal Brasil Econômico, na qual destaco a seguinte passagem em que, indagado por qual razão o PMDB não tinha candidatura própria, o vice presidente responde: “*Uma candidatura precisa ser bem preparada. No caso de 2014, vamos repetir a mesma parceria com o PT e vamos nos preparar para 2018 e aí, sim, lançaremos um candidato*”<sup>74</sup>. Pode-se inferir, portanto, que a base

<sup>68</sup> *Idem. Me parece que e um erro em que no futuro o PT arcaria com o custo do seu isolamento mó Congresso.* [S.I.] 25 set. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qneldf6>>.

<sup>69</sup> *Idem. O numero de insatisfeitos na bancada do PMDB aumenta a cada dia e parece que vai aumentar mais com essas agressões descabidas.* 07 mar. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wh7efmb>>. Acesso em: 07 nov. 2019. Neste caso, trata-se da discussão acalorada entre Rui Falcão e Eduardo Cunha.

<sup>70</sup> CUNHA. *Não sigo e nem seguirei a minha vontade e sim a da maioria da bancada.* 05 mar. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/u3wfxv7>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

<sup>71</sup> *Idem. Além disso e bom que saibam que dentro da bancada da Camara,tenho sido bombeiro,porque a vontade de muito tempo já era de sair fora.* 07 mar. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rlcz8ez>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

<sup>72</sup> Foi feito um tuíte contendo um *link* de uma entrevista concedida ao blog de Fernando Rodrigues no UOL. *Idem. “Não serei submisso ao Planalto”, diz Eduardo Cunha.* 10 nov. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yx3cohtx>>. Endereço da entrevista: <<https://tinyurl.com/tbnb2ax>>. Ambos acessados em: 07 nov. 2019.

<sup>73</sup> TEMER. *“Quem dá o tom da política no país é o PMDB” - entrevista ao jornal Brasil Econômico:* <http://migre.me/h3peG>. [S.I.] 17 dez. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wwkdo7m>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

<sup>74</sup> Disponível em: <<https://tinyurl.com/y3mtzcyg>>. Acesso em: 07 nov. 2019. Grifos meus.

governista dava indícios, já em 2013, de rompimento, ou comprometimento, de alianças a qualquer momento. O desquite entre PT e PMDB veio de forma explícita somente em 2015 e pode ser compreendido em três etapas: 1) o não apoio da presidenta ao programa do PMDB Ponte para o Futuro<sup>75</sup>; 2) a abertura do processo de impeachment<sup>77</sup>, feito por Cunha em 2 de dezembro de 2015; e 3) o pronunciamento de Temer, em carta aberta endereçada à presidenta Dilma<sup>78</sup>. Tais acontecimentos atestavam o rompimento, embora ainda não formalizado, entre PT e PMDB. A formalização, porém, viria apenas em março de 2016, após convenção Nacional do PMDB.

Explorados os principais sujeitos, seus discursos políticos e as principais razões para o iniciar do processo que destituiu a presidenta eleita democraticamente, é importante destacarmos porque usamos a nomenclatura *golpe*, visto que existe atualmente - e desde o afastamento de Dilma - uma disputa de significações sobre como conceituar este acontecimento.

É mister frisar que,

Quanto aos *trâmites formais*, não há dúvidas de que foram seguidos. O presidente da Câmara [Eduardo Cunha] acolheu uma representação no sentido de instaurar o processo de afastamento, este foi submetido ao plenário e depois seguiu para o Senado onde foi também acolhido e, por fim, julgado procedente<sup>79</sup>.

Não obstante, isto não significa que o processo de impeachment ocorreu dentro da legalidade. Um exemplo disto é que as pedaladas fiscais, tidas pela acusação como evidências de crime

<sup>75</sup> Sobre tal programa político, o vice presidente publicou: “Uma Ponte Para O Futuro é documento que contém uma proposta do PMDB para o País retomar o caminho do crescimento, da justiça social...”. TEMER. Brasília, 17 nov. 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/r8pzk7d>>. Acesso em: 07. nov. 2019.

<sup>76</sup> Em entrevista à empresa jornalística Abril, Temer diria que “Dilma caiu por não apoiar” o projeto. Endereço da entrevista: <<https://tinyurl.com/tqxhhaj>>. Acesso em: 07 nov. 2019. Programa Ponte para o Futuro: <<https://tinyurl.com/y7f5dmy4>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

<sup>77</sup> Após o PT votar contra Cunha, este aceitaria a abertura do processo de impeachment. Para mais informações ver: <<https://tinyurl.com/ssduk4r>>. O presidente da Câmara dos Deputados fez alguns tuítes antes de dezembro sobre o impeachment. CUNHA. “Presidente da Câmara receberá, em 30 dias, parecer jurídico sobre pedido de #impeachment”, “Cunha diz que vai analisar novos pedidos de #impeachment ainda hoje”, “Cunha recebeu hoje, da oposição, novo pedido de #impeachment de @dilmabr”. [S.I.] 17 jul. 2015, [S.I.] 01 out. 2015, [S.I.] 21 out. 2015, respectivamente. Disponíveis em: <<https://tinyurl.com/tyb3mrp>>, <<https://tinyurl.com/rews4b2>>, <<https://tinyurl.com/u9hz4cs>>. Ambos acessados em: 07 nov. 2019.

<sup>78</sup> Matéria com a carta na íntegra: <<https://tinyurl.com/neywe98>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

<sup>79</sup> GRIJÓ, Luiz Alberto. O golpe invisível: mídia, política, história e a universidade em tempos incertos. In: BATISTELLA, Alessandro; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; ANGELI, Douglas Souza (orgs.). *Capítulos de História Política*. São Leopoldo: OIKOS, 2018, p. 445. Grifos meus.

de responsabilidade, são um recurso contábil que basicamente todos os políticos em algum cargo de chefia já utilizaram. Percebe-se, portanto, que só isto já bastaria para definir como golpe o ocorrido em 2016, porque “ocorreu o desvirtuamento de dispositivos constitucionais para proceder o impeachment”<sup>80</sup>. Todavia, análises posteriores ao processo de destituição da presidenta, propuseram que não poderia ter sido golpe, pois não houve uma *intervenção militar*, tampouco uma *ruptura com o ordenamento jurídico normativo*. Essas interpretações, porém, não levam em consideração que as formas de se edificar um golpe<sup>81</sup>, hoje em dia, são sutis, aparentando legalidade.

Laurent Vidal comentava, durante o processo de impeachment, que estava em andamento no Brasil um golpe de novo tipo. Para Vidal, os golpes clássicos renovaram-se em forma de encenação, em que “o ator [seria] capaz de avançar no teatro do mundo”<sup>82</sup>. Para Bernardo Miorando, “a substituição do abuso da forma militar pela força ‘jurídica’ seria a jogada de mestre, máscara das máscaras que coroaria o golpe”<sup>83</sup>. Essa substituição viria pela

dramatização (...) carregada pelas *palavras* e pelas *imagens* que a grande imprensa de massas (sobretudo Globo e Veja) difundiu após a reeleição de Dilma Rousseff (...) para construir o retrato de um país aparelhado por um partido populista e corrompido, sob o desenvolvimento de um modelo arcaico, querendo colocar a economia de joelhos ao conceder generosamente bolsas e direitos sociais aos mais pobres<sup>84</sup>.

Com essa encenação, cria-se uma opinião pública de deslegitimação no imaginário social. O componente moral, assim sendo, é importante porquanto cria na classe média “o sentimento de protagonismo no movimento” e, como já demonstrado anteriormente, substitui bandeiras de luta pelo “combate à corrupção”<sup>85</sup>.

---

<sup>80</sup> MIORANDO, 2018, p. 119.

<sup>81</sup> No dicionário de política, golpe de Estado é definido como sendo “executado não apenas através de funcionários do estado (...), mas [que] mobiliza até elementos que fazem parte do aparelho estatal.” BARBÉ, Carlos. Verbete Golpe de Estado. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de política*. Brasília: EdUNB, 1993, p. 546.

<sup>82</sup> No original: “Le coup d’Etat serait ainsi porté par un acteur capable d’avancer masqué dans le théâtre du monde.” VIDAL, Laurent. La mascarade olympique permet d’occulter la tragédie politique. *Le Monde*, Paris, Débats et analyses, 14/15 jun., 2016, p. 22. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wm6624e>>.

<sup>83</sup> MIORANDO, *op. cit.*, p. 140.

<sup>84</sup> No original: “La dramatisation, d’abord, portée par les mots et les images que la presse grand public (Globo et Veja notamment) a diffusés depuis la réélection de Dilma Rousseff (octobre 2014) pour dresser le portrait d’un pays à la solde d’un parti populiste et corrompu, au modèle de développement archaïque, voulant mettre l’économie à genoux, en octroyant généreusement bourses et droits sociaux aux plus pauvres.” VIDAL, *op. cit. Loc. cit.*

<sup>85</sup> SOUZA, 2016, p. 101.

Michel Löwy, pensador marxista, entende essa moralidade, sobretudo o combate à corrupção, como sendo cínica porque “uma cambada de parlamentares reacionários e notoriamente *corruptos*”<sup>86</sup> derrubaram uma presidente eleita democraticamente. Jessé Souza diz que “a estratégia do golpe uniu vários parceiros com um objetivo comum”, isto é, “ter a fatia maior do butim”<sup>87</sup>.

Assim sendo, é golpe

por se tratar de *artifício jurídico sem bases materiais*; por *instaurar um programa de governo que é uma inversão do projeto eleito*; por *envolver elementos de corrupção e desgaste da democracia*; por *recuar a possibilidade de referendo público*, desprezando o resultado da única consulta válida à população dentro do sistema político, a votação<sup>88</sup>.

Ou seja, um impeachment contestável, visto que muitas(os) políticas(os) praticam as pedaladas fiscais, motivo do processo todo, alicerçado sobre a construção da opinião pública de um governo corrupto e uma presidenta conivente, destitui Dilma Rouseff, democraticamente eleita, e, junto desta, joga-se fora o projeto político vencedor, adotando-se, doravante, o Ponte para o Futuro, tudo isto sem consulta popular. Um golpe, sem dúvida, teatralizado.

## 1.2. O DESENVOLVIMENTO DA *WEB 2.0* E DO *CIBERESPAÇO*

Se o século XX é considerado a *Era dos extremos*<sup>89</sup>, o século XXI pode ser, sem hesitar, considerado a *Era Google*<sup>90</sup>: porque a rede mundial de computadores é, mais do que nunca, uma ferramenta poderosa de comunicação; porque as relações sociais foram

<sup>86</sup> LÖWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JINKINGS; DORIA; CLETO, 2016, p. 65.

<sup>87</sup> SOUZA, *op. cit.*, p. 134.

<sup>88</sup> MIORANDO, 2018, p. 120. Grifos meus.

<sup>89</sup> Cf. HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*. O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>90</sup> Esta expressão fora utilizada pelo historiador da micro-história italiana Carlo Ginzburg, em conferência intitulado Fronteiras do Pensamento, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011. Nessa conferência, Ginzburg abordou a ínfima relação entre a internet e a história do tempo presente. Disponível em duas partes: <<https://tinyurl.com/y2v6nkul>> e <<https://tinyurl.com/yxzx2l2q>>. Acesso em: 01 out. 2019.

remodeladas em virtude da internet<sup>91</sup>; porque houve uma *virada digital*<sup>92</sup>, à maneira de Serge Noiret.

A popularização da internet não é um fenômeno recente. Fábio de Almeida alertava, em pretérito recente, que desde os anos 1990 “a internet vem crescendo significativamente”<sup>93</sup>. É neste mesmo ano, inclusive, que Tim Berners-Lee, cientista da computação, cunhou o termo *World Wide Web* - ou simplesmente *web*. A *web*<sup>94</sup>, a partir de então, tornar-se-ia “um modelo de gerenciamento de arquivos (...) padrão na internet”<sup>95</sup>.

Alguns anos após a popularização da internet, e em consonância com os avanços na área da ciência da computação, mais especificamente em 2004, o termo *web 2.0* emergiu. Lançado em uma conferência nos EUA pela empresa *O’Reilly Media*<sup>96</sup>,

em sua origem (...) [o termo] deveria distinguir sites ou aplicativos com baixo custo de desenvolvimento, em que o conteúdo surge de baixo para cima (...) a partir do *relacionamento entre participantes* (...), e que pode combinar as soluções e o conteúdo de mais de um site para produzir uma *experiência integrada*<sup>97</sup>.

Todavia, o termo expandiu-se conceitualmente, passando a ser utilizado para designar uma mudança de mentalidade<sup>98</sup> daquelas(es) que desenvolviam sítios na internet, tendo como objetivo uma maior interatividade entre as(os) usuárias(os). Estas(es), influenciados por esta

<sup>91</sup> Fábio de Almeida alertava para o aumento significativo da internet já nos idos de 1990. Em suas palavras: “De acordo com os censos realizados sistematicamente pela empresa Netcraft, o número total de hostnames na Internet era de aproximadamente 19 mil em 1995. Em 1997, o número atingiu um milhão de hostnames. Em 2000 eram 20 milhões; em 2003, 40 milhões; em 2005, 70 milhões; em 2006 alcançou-se a cifra de 100 milhões; em fevereiro de 2008 mais de 158 milhões; e em julho de 2010 foram contabilizados mais de 205 milhões de hostnames na Internet”. ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos*, v. 3, n. 8, jan.-jun. 2011, p. 12.

<sup>92</sup> NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc*, v. 11, n. 1, maio 2015, p. 33.

<sup>93</sup> Fábio de Almeida destaca o crescente número de *hostnames*, que passou de dezenove mil em 1995 para duzentos e cinco milhões em 2010. ALMEIDA, *op. cit.*, p. 12.

<sup>94</sup> A web tem como característica principal o *hipertexto*. Lucia Leão define isto como “um documento digital composto por diferentes blocos de informações conectadas. A conexão entre os blocos de informações é realizada através de vínculos eletrônicos denominados *links*, que permitem o avanço para outras seções dentro do mesmo *site*, ou redirecionamento para *sites* diferentes”. LEÃO, Lucia. *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: FAPESP, 2001, p. 15-16.

<sup>95</sup> ALMEIDA, *op. cit.*, p. 13.

<sup>96</sup> Cf. SPYER, Juliano. *Conectado: o que a Internet fez com você e o que você pode fazer com ela*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 28. Grifos meus.

<sup>98</sup> Ian Davis, testemunha ocular desta mudança, afirma que a “web 2.0 é uma atitude, não uma tecnologia. É sobre habilitar e encorajar a participação [das(os) usuárias(os)] por meio de aplicativos e serviços abertos”. No original, “Here’s my take on it: web 2.0 is an attitude not a technology. It’s about enabling and encouraging participation through open applications and services”. DAVIS, Ian. Talis, Web. 2.0 and all that. *Blog Ian Davis*, jul., 2015..

mudança, começaram a relacionar-se de forma ativa, auxiliando na construção de sítios ou no progresso destes, tal qual a popularização dos *blogs*<sup>99</sup>. Talvez a derivação mais famosa destes últimos, atualmente, seja o Twitter<sup>100</sup>.

Com a ampliação do uso da web e, em especial da web 2.0, criou-se um novo espaço de sociabilidade entre as(os) usuárias(os): o *ciberespaço*. Pierre Lèvy, estudioso dos impactos da internet na sociedade, define este espaço como

um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a *infraestrutura material* da comunicação digital, mas também o *universo oceânico de informações* que ela abriga, assim como os *seres humanos* que navegam e alimentam esse universo<sup>101</sup>.

Esta explicação, no entanto, não é suficiente, pois pode ocasionar falsas interpretações de que *internet* e *ciberespaço* são equivalentes. Não obstante, Lèvy argumenta que as “tecnologias digitais surgiram (...) como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também como novo mercado da informação e do conhecimento”<sup>102</sup>. Por um lado, portanto, a *internet* é uma das infraestruturas; por outro lado, o *ciberespaço*, é o próprio ambiente.

Um aspecto importante desse espaço virtual é a aparente redução das distâncias, em função de não haver fronteiras geográficas - apenas intelectuais, no caso a língua pode ser um impeditivo. Lèvy aponta, além disto, para a circulação das informações produzidas nesse espaço ser quase que instantânea: “um computador” dá “acesso a quase todas as informações do mundo, *imediatamente* ou recorrendo a redes de pessoas capazes de remeter a informação desejada”<sup>103</sup>.

Outra característica importante do ciberespaço é a presença constante deste na rotina diária de cada usuária(o), pois

---

<sup>99</sup> Popularizado sobretudo com a mudança de mentalidade, os *blogs* podem ser escritos de forma individual ou coletiva. Tradicionalmente, possuem um formato que permite a interação entre leitoras(es) na forma de comentários. São sítios simples de serem manuseados, não necessitando portanto de conhecimentos avançados em programação.

<sup>100</sup> Ver subcapítulo 1.2.

<sup>101</sup> LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 15-16. Grifos meus.

<sup>102</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>103</sup> LÈVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. Tradução de Juremir Machado da Silva. *FAMECOS*, n. 9, dez. 1998, p. 40. Grifo meu.

*entrar e sair do ciberespaço não é mais concebível, pois ele se estende para além do momento em que estamos conectados. O simples gesto de ligar o computador é já estar lá, mas mesmo quando o aparelho está desligado, nós não deixamos de existir no ciberespaço*<sup>104</sup>.

A partir do desenvolvimento da *web 2.0* e do ciberespaço, em outras palavras, da popularização da internet, “fica evidente que os[as] historiadores[as] do tempo presente não podem negligenciar o potencial da rede como fonte de pesquisa”, tornando-se “responsável pela análise e também pela preservação da informação”<sup>105</sup> produzida nesses espaços, sendo “o canto da sereia para os historiadores públicos”<sup>106107</sup>. Por fim, como aponta precisamente Meg Foster, que

a internet e a história pública estão poderosamente conectadas em nosso ‘user generated world’. Uma vez que já se fez tal progresso com a *web 2.0* para se ter acesso ao passado, é impossível não visualizar a internet como parte significativa do futuro da história pública<sup>108</sup>.

Em função desta novidade, isto é, da relação mútua entre internet e história pública, é necessário que o(a) historiador(a) tome os cuidados necessários quando for lidar com as mídias sociais e produzir uma história voltada para o público, pois não levar em consideração esta interdependência, é um erro crasso. Sendo assim, e considerando o grande potencial da internet como espaço de divulgação de ideais e de cooptação de séquitos, busca-se demonstrar, neste trabalho, como este espaço foi utilizado como ferramenta crucial para a consolidação do golpe de 2016.

### 1.3. O TWITTER

Atualmente, dificilmente algum(a) historiador(a) não reconheceria a importância da presença da internet e das plataformas virtuais para a análise e a compreensão da sociedade.

---

<sup>104</sup> LUCCHESI, Anita. A história sem fio: questões para o historiador da Era Google. *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO*, 2012, p. 4. Grifos meus.

<sup>105</sup> ALMEIDA, 2011, p. 16.

<sup>106</sup> Ver subcapítulo 2.1.

<sup>107</sup> CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Transversos*, v. 7, n. 7, set. 2016, p. 39.

<sup>108</sup> No original: “The internet and public history are powerfully connected in our ‘user generated world’. With such progress already made using Web 2.0 to access the past, it is impossible not to see the internet as a significant part of public history’s future”. FOSTER, Meg. Online and plugged in?: Public Historian and Historians in the digital age. *Public History Review*, v. 21, 2014, p. 15.

Para tornar patente a dimensão dessa importância, três apontamentos são necessários: 1) a web possui plataformas que auxiliam muito na circulação de conteúdos referentes à História, sendo seu uso, aliás, associado ao incipiente campo da história pública<sup>109</sup>; 2) por essa condição, ou seja, troca de informações constante, não há um filtro que identifique a veracidade do que é publicado<sup>110</sup>, estando, portanto, as(os) internautas propensas(os) aos *negacionismos* históricos<sup>111</sup>; e 3) o uso de espaços virtuais para se informar é uma realidade para a qual não se pode mais fazer vista grossa<sup>112</sup>.

Dito isso, como definir o Twitter, ciberespaço de onde provém as fontes: rede social ou mídia social? Neste sentido, torna-se importante uma breve distinção entre os dois termos para que sejam evitados equívocos conceituais.

O primeiro, é um termo já antigo, empregado para referir-se à construção de relações entre pessoas a partir da partilha de objetivos e interesses em comum. Portanto, não existe a necessidade de se estar conectado na internet para constituir uma rede social. No mundo da web, o termo já é obsoleto, porém, poderíamos pensar que é um espaço que tem como proposta principal a interação entre as(os) usuárias(os).

O segundo termo, possui características semelhantes, todavia distingue-se daquele porque sua principal competência não é a relação entre pessoas, e sim o relacionamento com conteúdos. Assim sendo, Andreas Kaplan e Michael Haenlein compreendem mídia social como “(...) um grupo de aplicações para Internet construídas com base nos fundamentos ideológicos e tecnológicos da web 2.0, e que permitem a criação e troca de Conteúdo Gerado pelo Utilizador”<sup>113</sup>. É aqui que o Twitter se encontra. Embora exista uma linha tênue que separa os dois termos, basear-me-ei em entrevista concedida por Guilherme Ribenboim,

---

<sup>109</sup> Ver subcapítulo 2.1.

<sup>110</sup> Tal qual a empresa Globo possui. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>>.

<sup>111</sup> O historiador e professor da UFRRJ Luis Edmundo de Sousa Moraes (2011), define negacionismo como um “campo político-intelectual internacionalmente articulado e uma prática” cujo principal objetivo é negar algum fato histórico. MORAES, Luis Edmundo de Souza. O negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o passado. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, 2011, p. 3.

<sup>112</sup> Em pesquisa recente realizada pelo IBGE (2017), 126,4 milhões de pessoas - 69,8% da população brasileira - têm acesso à internet. Sua finalidade é, em 95,5% das vezes, “enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes do email.” Disponível em: <<https://tinyurl.com/y52mrjzs>>. Acesso em: 12 out. 2019.

<sup>113</sup> No original: “(...) a group of Internet-based applications that build on the ideological and technological foundations of Web 2.0, and that allow the creation and exchange of User Generated Content”. KAPLAN, Andreas; HAENLEIN, Michael. Users of the world, unite! The challenges and opportunities of Social Media. *Business Horizons* 53, 2010, p. 61.

diretor geral do Twitter no Brasil, para ratificar a ideia de que o Twitter se trata de uma *mídia social*. Ribenboim comenta: “Somos uma *rede de interesses*, e não uma *rede social*. O Twitter não é *sobre estar relacionado com seus parentes, mas sim com o conteúdo*”<sup>114</sup>. Posto isso, cabe expor a história desta mídia social e suas singularidades.

No ano de 2004, dois anos antes do desenvolvimento do Twitter, Evan Williams e Biz Stone trabalhavam na Google. Desta empresa, pegaram todo o conhecimento adquirido e, junto de mais duas pessoas, Noah Glass e Jack Dorsey, criaram a *Odeo*, uma plataforma virtual de *podcasting*<sup>115</sup>. Contudo, a situação neste ramo não era favorável, porque a empresa Apple tinha acabado de lançar o *iTunes* - espécie de podcast. É a partir da percepção de que não havia condições de competir contra esta grande potência da tecnologia, que decidiram desenvolver o Twitter<sup>116</sup>, lançando sua versão pública em julho de 2006.

Após alguns anos com poucas(os) adeptas(os), em 2009, Ashton Kutcher ingressou na mídia social. Isto é importante porque a utilização desta mídia por alguém famoso faz com que seus admiradores criem perfis para estarem mais “próximos” de seu ídolo. Porém, mais importante que isto é “o aumento de seu uso como ferramenta por jornalistas amadores”<sup>117</sup>, porque passava a se fazer um novo uso da mídia, isto é, a divulgação de notícias. Um exemplo disto é que as eleições no Irã, nesse mesmo ano, passaram a ser noticiadas neste espaço virtual pela hashtag<sup>118</sup> #IranElection. Ademais, desde o engatinhar até a vida adulta da mídia social, o número de usuárias(os) ativas(os) aumentou de forma significativa, como pode-se perceber no gráfico abaixo.

---

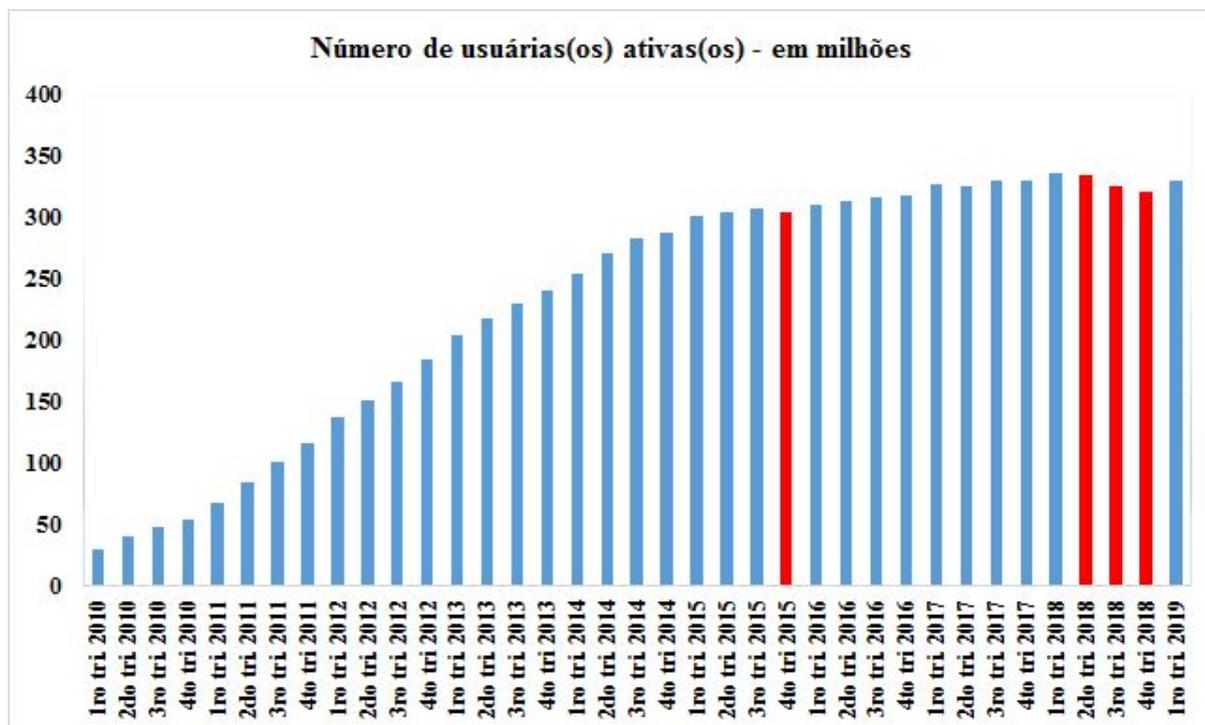
<sup>114</sup> ESTADÃO, Jornal. 2014, s.p. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2qld5ao>>. Acesso em: 07 out. 2019.

<sup>115</sup> Forma de publicação de gravações de multimídia na internet.

<sup>116</sup> Este nome possui dois significados: em inglês, significa “explosão de informações”; e também é o barulho de um pássaro que, aliás, é o símbolo da mídia.

<sup>117</sup> No original: “its increased use as a tool for amateur journalists”. ACADEMIC, Britannica. Disponível em: <<https://academic.eb.com/levels/collegiate/article/Twitter/471629#>>. Acesso em 13 out. 2019.

<sup>118</sup> Para a compreensão do que é hashtag, ver nota 60.



**Figura 1:** Número de usuárias(os) ativas(os) no Twitter, de 2010 a 2019. Fonte: [statista.com - <https://tinyurl.com/o4fs8mm>](https://tinyurl.com/o4fs8mm).

A partir do *figura 1*, observa-se que a participação ativa na mídia social Twitter cresceu de trinta milhões no primeiro trimestre de 2010 para trezentos e trinta milhões no primeiro trimestre de 2019, tendo, durante esses anos, apenas alguns decréscimos, a saber, quarto trimestre de 2015 e segundo, terceiro e quarto trimestre de 2018, com trezentos e cinco, trezentos e trinta e cinco, trezentos e vinte e seis e trezentos e vinte e um milhões, respectivamente.

Por fim, cabe destacar algumas singularidades da mídia social. Qualquer pessoa pode criar uma conta, basta, é evidente, possuir algum suporte - geralmente celulares ou computadores - que contenha acesso à internet. Com a entrada no sítio, é possível que se tenha *followers* e também que se dê *following*: os primeiros seriam as(os) seguidoras(es) de determinado perfil, ou seja, aquelas(es) que receberão os tuítes; os segundos são o inverso, isto é, são as(os) usuárias(os) que seguidos por determinado perfil, fazendo com que os tuítes dessas(es) apareçam na *timeline*<sup>119</sup> deste. Não há número máximo nem mínimo de *followers* e *following*. A mídia permite também a troca de mensagens de modo privativo e também *curtir*

<sup>119</sup> Exibe na tela inicial todos os tuítes publicados por quem seu perfil segue, em tempo real, organizando-os por ordem cronológica, da mais recente para a mais antiga.

algum tuíte e retuitá-lo na timeline. Além disso, existe aquilo que se chama de *Trending Topics*, que são os conteúdos mais comentados no Twitter, servindo como medidor de popularidade. Finalmente, como qualquer espaço, esta mídia possui uma linguagem própria, muito em função de sua principal característica: o número de caracteres permitidos em um único tuíte - cento e quarenta<sup>120</sup>, até novembro de 2017, e duzentos e oitenta a partir desta data.

## 2. QUESTÕES TEÓRICAS

Neste capítulo, pretende-se abordar algumas questões teóricas importantes para o desenvolvimento do trabalho. Em virtude deste propor-se enquanto uma pesquisa que transcenda os muros da academia, torna-se necessária a compreensão de *história pública*. Para tanto, fazer-se-á um panorama breve sobre a história deste campo incipiente. Além disto, reflete-se acerca dos conceitos de *discurso político* e *discurso midiático*, visto que tais concepções são importantes para analisar as fontes aqui utilizadas.

### 2.1. HISTÓRIA PÚBLICA

A história pública (HP) “não é nada nov[a] em termos de prática e interesse”<sup>121</sup> e “é o novo nome para a mais velha de todas as histórias”<sup>122</sup>. Seus primeiros passos foram dados em território estrangeiro, mais precisamente na Inglaterra, quando entre 1960 e 1970, o Raphael Samuel, organizou uma série de oficinas e seminários que tinham como público alvo acadêmicos e não acadêmicos. Em virtude do sucesso desses encontros, poucos anos mais tarde, fundar-se-ia a *History Workshop Journal* (1976). As principais preocupações neste país eram descobrir de que maneira se gestam os usos políticos do passado.

---

<sup>120</sup> Eduardo Cunha, por exemplo, não utilizava, muitas vezes, acentuação e tampouco pontuação, a fim de aproveitar ao máximo o limite imposto para transmitir sua mensagem. CUNHA. *Podera valer para as eleições de 2014*. [S.I.] 28 ago. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2shqx3p>>. *Idem*. *Um dos problemas que estão revoltando nos gastos da copa e que o povo não tem como pagar os altos preços dos ingressos, mas paga a conta copa*. [S.I.] 23 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y3hd9cvg>>.

<sup>121</sup> FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única ou de a shared authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana; ALMEIDA, Juniele; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57.

<sup>122</sup> No original: “Public History is the new name for the oldest history of all”. DAVISON, Graeme. Paradigms of public history. *Australian Historical Studies*, v. 24, n. 96, 1991, p. 4. Grifos meus.

Para além da Europa, os estadunidenses merecem destaque, porque “diante de uma grande crise de desemprego que atormentava os historiadores”<sup>123</sup>, o historiador Robert Kelley passou a usar o termo para fazer menção às contribuições das(os) historiadoras(es) nos espaços para além dos muros das universidades. Kelley é importantíssimo, pois seria um dos primeiros a esboçar o conceito de HP: “(...) o trabalho de historiadores e do método histórico *fora da academia*: no governo, nas empresas privadas, nos meios de comunicação, nas sociedades históricas, museus e até mesmo em espaços particulares”<sup>124</sup>.

Após erigir-se na Europa e na América do Norte, expandiu-se. No Brasil, contudo, tardou a chegar, sendo um *campo*<sup>125</sup> incipiente, pois somente em 2011, mais especificamente no mês de fevereiro e na Universidade de São Paulo (USP), que ocorrera um evento sobre HP. Este, intitulado *Introdução à História Pública*<sup>126</sup>, tinha por objetivo central debater questões práticas, a saber,

como fazer memória empresarial, como publicar história oral, como unir história e audiovisual, quais os princípios básicos para o trabalho em arquivo, como promover produções históricas por meio da divulgação científica e da assessoria de imprensa na área de história, como transformar uma pesquisa acadêmica em um programa de rádio ou *podcast*<sup>127</sup>.

Possibilitado pelo contexto, ou seja, a eleição da primeira mulher em toda a história do país republicano à presidência, a expansão das universidades federais<sup>128</sup>, bem como um maior investimento que permitira uma melhora significativa no tripé

---

<sup>123</sup> CARVALHO, 2016, p. 37.

<sup>124</sup> KELLEY, Robert. Public history: Its origins, nature, and prospects. *The Public historian*, v. 1, n. 1, 1978, p. 16. Grifos meus.

<sup>125</sup> Campo tal qual argumenta Ricardo Santhiago, isto é, “(...) um espaço de debate; uma estrutura mínima que permita a existência desse debate, através de produções concretas como eventos, publicações, listas de contatos; isso além de um esforço de divulgação e discussão, insistente e talvez errante”. SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significado: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana; ALMEIDA; SANTHIAGO, 2016, p. 26.

<sup>126</sup> Ricardo Santhiago tece algumas palavras sobre este evento. Para o autor, “a expectativa inicial era que se inscrevessem 30 pessoas.” Porém, o número chegou a duzentos e vinte e nove, sendo cento e nove destes na lista de espera. SANTHIAGO, *op. cit.*, p. 26.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>128</sup> Neste ano, o número de vagas na graduação presencial saltou de 190.184 (2003) para 231.530 (2011). Ademais, as matrículas na graduação e na pós-graduação, nas modalidades de ensino a distância e presencial, também aumentaram significativamente, passando de 596.219 (2003) para 1.029.141 (2011). Para mais informações, ver: *Análise sobre a expansão das universidades federais 2003 a 2012*. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y54ehyfy>>. Acesso em 23 out. 2019.

pesquisa-ensino-aprendizagem<sup>129</sup>, o curso tinha como pretensão incorporar o(a) historiador(a) ao mercado de trabalho, além de relacionar a disciplina histórica com as mídias que se erigiam<sup>130</sup>. Ademais, é a partir desse curso que surgirá o livro *Introdução à História Pública*, organizado pelas historiadoras Marta Gouveia de Oliveira Rovai e Juliene Rabêlo de Almeida, contendo diversos artigos de distintas(os) pesquisadoras(es) de diferentes universidades.

Nesta obra, é importante destacar a parte introdutória, porque nesta as organizadoras distinguem a história pública brasileira das demais. Se, por um lado, na Inglaterra a prática é vista como uma forma de pensar sobre as representações do passado no presente, e por outro, nos EUA trata-se da prática das(os) historiadoras(es) em espaços não acadêmicos, no Brasil, a função da HP é outra: democratizar o saber. Nas palavras das autoras:

A história pública é uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode *democratizar a história* sem perder a seriedade ou o poder de análise<sup>131</sup>.

Sobre a democratização da história, é importante destacar o texto de Jill Liddington, presente no livro citado. Para Liddington, o passado tornou-se cada vez mais acessível, já que “não é preciso passaporte ou uma longa viagem; você só tem que usar o controle remoto da TV, *clique com seu mouse*, navegar pelo History Channel, e instantaneamente (...) você estará lá”<sup>132</sup>.

Um ano mais tarde, seria realizado o *1º Simpósio Internacional de História Pública* (2012), também na USP e, a partir das reflexões deste evento, fundar-se-ia a *Rede Brasileira de História Pública* (2012)<sup>133</sup>. Como o primeiro simpósio fora um sucesso, organizou-se na Universidade Federal Fluminense (UFF) o *2º Simpósio Internacional de História Pública*

<sup>129</sup> É neste ano que trinta e uma universidades brasileiras passaram a figurar entre as cem melhores na América Latina, estando a USP em primeiro lugar. Para mais informações ver matéria publicada na empresa Globo em 04 out. 2011: <<https://tinyurl.com/y2n4mjxf>>. Acesso 23 out. 2019.

<sup>130</sup> Ver subcapítulo 1.3.

<sup>131</sup> ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Apresentação. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 7. Grifos meus.

<sup>132</sup> LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? In: ALMEIDA; ROVAI, *op. cit.*, p. 32.

<sup>133</sup> Para mais informações, visitar o sítio da REDE. Disponível em: <<http://historiapublica.com.br/>>.

(2014), que proporciona, por sua vez, em 2016, a organização de um novo livro sobre a temática: *História Pública - sentidos e itinerários*. Diferentemente do evento realizado em 2011, em que se tinha uma preferência pelo debate de questões práticas, aqui optar-se-á pela reflexão e distinção entre três conceitos:

a história feita *com* o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de “autoridade compartilhada” é central); a história feita *pelo* público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e *história e público* (que abarcaria a reflexividade e autorreflexividade do campo)<sup>134</sup>.

A eclosão destas expressões - *com, pelo, história e público* - torna possível inferir que houve um aprofundamento no debate. O conhecimento sobre o passado deixava de ser algo transmissível e passava a ser construído de forma dialógica<sup>135</sup>. Como exemplo disto, é mais que importante a exposição, de Ana Maria Mauad, no posfácio da obra *História Pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado* (2018). A autora faz menção ao desfile promovido pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Tuiuti no carnaval de 2018<sup>136</sup>, interpretado por Mauad como uma prática de HP, porque permitiu a construção *com e pelo público*, além de ser uma narrativa *para* o público, em virtude de ter dominado “as redes sociais” e ter alcançado “a primeira posição dos tópicos mais comentados no Twitter”<sup>137</sup>.

Nota-se, portanto, que as discussões sobre a história pública no Brasil estão ainda em andamento, devido ao retardo, se comparado sobretudo à Inglaterra e aos EUA, de debates sobre esse campo. É verdade que muito se avançou desde 2011, todavia pelo menos por enquanto, a questão central segue restringindo-se sobre como democratizar o acesso ao passado para o grande público. As mídias sociais, e aqui em particular o Twitter, nesse sentido, são importantes espaços de divulgação e democratização da história, visto que é uma mídia social que se pode utilizar para a construção do conhecimento de forma dialógica *com e*

<sup>134</sup> SANTHIAGO, 2016, p. 26. Grifos originais.

<sup>135</sup> Diálogo no sentido argumentado por Frisch: “(...) um diálogo *real*, no qual fontes e bases de autoridade diferentes têm reivindicações distintas e particulares, que podem competir, ser comparadas, avaliadas e relacionadas por meio daqueles encontros importantes que o cenário da história pública pode apoiar e estimular”. FRISCH, 2016, p. 60.

<sup>136</sup> A exposição da escola ganhou destaque ao expor os *manifestoches* (manifestantes fantoches) que foram às ruas pedir o impeachment de Dilma Rousseff, carteiras de trabalho sem valor algum e, sobretudo, o vampirão, fazendo alusão ao presidente em exercício Michel Temer. A apresentação na íntegra encontra-se disponível em: <<https://tinyurl.com/yxqpfl9l>>.

<sup>137</sup> MAUAD, Ana Maria. Posfácio - O carnaval da História Pública. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (orgs.). *História Pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 231.

*pelo público*<sup>138</sup>, podendo também ser *para* esse público. A necessidade de intervirmos nesses espaços, torna-se, pois, uma tarefa urgente, visto que

as experiências narradas, em sua diversidade de leituras e procedimentos sobre a história pública, incidem sobre a gestão responsável da memória coletiva e do patrimônio cultural e material, numa nova tradução do conhecimento histórico, não apenas preocupada em atingir um público maior, mas em aprender com ele, com suas mudanças e demandas<sup>139</sup>.

## 2.2. DISCURSO POLÍTICO

O conceito de discurso político (DP), é tradicionalmente identificado como o discurso produzido dentro dos espaços clássicos da política - legislativos federais, estaduais, municipais, executivo - e, conseqüentemente, manifestado por seus ocupantes: os políticos. Não obstante, os discursos políticos analisados neste projeto são construídos em outro ambiente, um espaço virtual, isto é, a mídia social Twitter. Assim sendo, é necessário redefinir essa conceituação e, para tanto, utilizar-se a pesquisa desenvolvida por Silvia Gutiérrez (2002) que identifica, nas(os) estudiosas(os) da teoria, duas concepções de DP:

a) *Concepção restritiva* (no sentido estrito ou institucional). “É o discurso produzido dentro da ‘cena política’, isto é, dentro dos aparatos onde se desenvolvem explicitamente o jogo do poder. Assim, são exemplos de discurso político, no sentido estrito, o discurso presidencial, o dos partidos políticos, o da imprensa política especializada, o discurso emitido pelos meios eletrônicos em certos momentos e, em alguns casos, o magisterial, do exército e da polícia.

b) *Concepção extensiva*. A diferença em relação a anterior e que esta *se baseia em um conceito ampliado de ‘política’, que incorpora aqueles discursos que, embora não sejam emitidos nos locais institucionais onde acontece o jogo do poder, possuem uma intenção política; ou seja, possuem como objetivo incidir nas relações de poder existentes.*<sup>140</sup>

<sup>138</sup> Por exemplo, o perfil de Xadrez Verbal <<https://twitter.com/XadrezVerbal>>, em que, diuturnamente existem tuítes sobre história. As(os) usuárias(os) que seguem este perfil podem contestá-lo e adicionar comentários que tornem o conteúdo exposto no tuíte mais completo.

<sup>139</sup> ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 15.

<sup>140</sup> No original: “a) Concepción restrictiva (en sentido estricto o institucional). “Es el discurso producido dentro de la ‘escena política’, es decir, dentro de los aparatos donde se desarrolla explícitamente el juego del poder” (Giménez 1983: 126). Así, son ejemplos del discurso político, en sentido estricto, el discurso presidencial, el de los partidos políticos, el de la prensa política especializada, el discurso emitido por los medios electrónicos en ciertos momentos y, en algunos casos, el magisterial, el del ejército y la policía. b) Concepción extensiva. La diferencia con la anterior es que se basa en un concepto ampliado de ‘la política’, que da cabida a aquellos discursos que, si bien no son emitidos desde los lugares institucionales donde se da el juego del poder, tienen una intención política; es decir, tienen como objetivo incidir en las relaciones de poder existentes”. GUTIÉRREZ, Silvia. Discurso político y argumentación. *Tercer Coloquio Latinoamericano de Estudios del Discurso*, 3, 1999, Santiago. *Discurso para el cambio*. Santiago: Universidade do Chile e Pontificia Universidade Católica do Chile, 2002, p. 6. Grifos meus.

É, portanto, na “concepção extensiva” que os DP externados no Twitter e analisados neste trabalho se encaixam, já que nesta mídia social não são institucionalmente estipulados horários ou espaços temporais para a veiculação de ideais políticos.

Dito isso, podemos dar um passo adiante rumo à definição do DP. Este tem duas características essenciais: a principal é “impor sua verdade a muitos”, porém, também é importante sua condição enquanto “o discurso do sujeito por excelência”<sup>141</sup>. Impor sua verdade é fundamental, porque o DP é uma “*luta discursiva* em que se permite certas estratégias (manipulação, proselitismo, ameaças, promessas) e o desafio de conquistar legitimidade mediante a *construção de opiniões*”<sup>142</sup>; e o discurso do sujeito porque, nos meandros das experiências subjetivas, construímos-nos com diferentes percepções políticas e, quando enunciamos algo, estamos afirmando nossa concepção de mundo.

Como destacam Yolanda Meyenberg e José Lugo, o DP necessita construir opiniões, ou melhor, desconstruir outros discursos que estão em alteridade com a visão de mundo de quem o enuncia<sup>143</sup>. Justamente por essa condição, este discurso encontra-se sempre ameaçado, pois é “dinâmico, frágil e, facilmente, expõe sua condição provisória”<sup>144</sup>. Tendo em vista esta condição, o discurso necessita, amiúde, lutar pelo poder - no sentido de legitimar-se -, sendo o próprio DP “a explicitação de seu desejo de poder”<sup>145</sup>. Ademais, é importante destacar que a formação desses discursos se deve a “um conjunto de regras (...) sempre determinadas no tempo e no espaço e que definem em cada época dada e para cada área social (...) as condições do exercício da função enunciativa”<sup>146</sup>. Dito isso, a frase de Maria do Rosário Gregolin é sintetizante:

Motivo de disputa, signo de poder, a circulação dos enunciados é controlada de forma a dominar a proliferação dos discursos. Por isso, aquilo que é dito tem de, necessariamente, passar por procedimentos de controle, de interdição, de segregação

<sup>141</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. Elementos para uma análise de discurso político. *BarBarói*, n. 24, 2006, p. 89.

<sup>142</sup> No original: “(...) *lucha discursiva* en la cual se permiten ciertos golpes (manipulación, proselitismo, amenazas, promesas) y el reto de conquistar legitimidad mediante la construcción de opiniones”. MEYENBERG, Yolanda; LUGO, José Antonio. *Palabra y poder*. Manual del discurso político. México: Grijalbo, 2011, p. 6. Grifos meus.

<sup>143</sup> Isto é imprescindível, porque “é um discurso que tem como princípio básico a polêmica (...)” em que “o que ele faz é desconstruir o outro, para se construir. Porque, se ele não desconstruir o outro ele não tem condições de construir a si próprio”. PINTO, op. cit., p. 92.

<sup>144</sup> *Ibidem*, p. 89.

<sup>145</sup> *Ibidem*, p. 92.

<sup>146</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1997, p. 35.

dos conteúdos. Por serem produtos de práticas, social e historicamente determinadas, as maneiras de se utilizarem as possibilidades do discurso são reguladas, regulamentadas: não se pode, absolutamente, falar de uma coisa qualquer num lugar e tempo qualquer. Há, sempre, que se submeter à ordem do discurso, articulando aquilo que se pode e se deve dizer no momento histórico da produção dos sentidos<sup>147</sup>.

Pode-se inferir, portanto, que o DP “adquire grande relevância nas dimensões social e política, posto que é um meio que permite a *manutenção da ordem estabelecida ou sua ruptura*”<sup>148</sup> Como se pôde visualizar, os tuítes expostos até agora constituem-se enquanto discursos produzidos para romper com a ordem estabelecida.

### 2.3. DISCURSO MIDIÁTICO

A *Era Google* permitiu uma maior interação entre pessoas de diferentes culturas, crenças e posições políticas, e foi responsável por incidir nas relações sociais existentes, pois, seus efeitos direcionam e modelam as diferentes formas de comunicar-se. Essas características tão marcantes de nosso tempo, foram possibilitadas, sobretudo, pelo desenvolvimento do *ciberespaço*.

Nesse sentido, é consenso que, nas últimas décadas, a mídia, sobretudo as que possuem alguma plataforma eletrônica, erigiu-se como um importante, senão o principal, espaço para informar-se sobre o que ocorre no dia a dia. Maria Helena Weber e Carmen Regina Abreu<sup>149</sup> destacam o papel decisivo que a televisão tem para promoção da visibilidade dos políticos. Luis Felipe Miguel também alerta para a necessidade de se visualizar a potencialidade da mídia: “(...) o político midiático é aquele que entende que seu público foi educado pela linguagem dos meios eletrônicos (...) e assim *se adapta a este ambiente*”<sup>150</sup>.

<sup>147</sup> GREGOLIN, Maria do Rosário. *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 12.

<sup>148</sup> No original: “(...) adquire gran relevancia en las dimensiones social y política, dado que es un medio que permite la mantención del orden establecido, o su ruptura”. COLIMA, Leslie; CABEZAS, Diego. Análisis del rap social como discurso político de resistencia. *Bakhtiniana*, São Paulo, 12 (2), maio/ago. 2017, p. 26. Grifos meus.

<sup>149</sup> Cf. WEBER, Maria Helena; ABREU, Carmen Regina. Debate político-eleitoral na televisão: jogo de cena e dispositivo estratégico. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Mídia, representação e democracia*. São Paulo: Hucitec, 2010.

<sup>150</sup> MIGUEL, Luis Felipe. “Falar bonito”: o Kitsch como estratégia discursiva. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 6, jul.-dez. 2011, p. 188. Grifos meus.

Abarcando diversos conteúdos, desde questões pertinentes às distintas áreas do conhecimento humano, até os debates atuais, a maioria dos discursos exprimidos por estes políticos não escapam ao filtro da mídia. Por conseguinte, cabe a pergunta e, logo em seguida, a resposta produzida por Céli Pinto:

Qual é a importância desta presença [dos discursos nas mídias] para a teoria do discurso e seus analistas? A importância está em dois principais pontos: o primeiro que os discursos *se transformam* pela imposição das técnicas da mídia; o segundo que a mídia tem seu próprio discurso com suas ordens e suas formas de funcionamento<sup>151</sup>.

Embora o autor e as autoras mencionados anteriormente estejam discutindo a relação do discurso com a mídia tradicional, isto é, a televisiva, os argumentos podem ser trazidos para o universo da mídia social Twitter.

A potencialidade da mídia, como argumentam Maria Weber e Regina Abreu, é algo patente e incontestável. Para comprovar tal argumento, recorrerei a dados de três pesquisas: 1) a empresa *SemioCast*<sup>152</sup>, em estudo publicado em 2012, aponta que o Brasil se tornara o segundo país no mundo com mais número de contas no Twitter, tendo, no total, trinta e três milhões<sup>153</sup>; 2) o relatório, produzido em 2018, das empresas *We are Social* e *Hootsuite* atestam que sessenta e dois por cento da população brasileira está ativa nas mídias sociais<sup>154</sup>; 3) em 2017, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstrou que mais de cento e vinte e seis milhões de pessoas - quase setenta por cento da população brasileira - têm acesso à internet, e sua finalidade é em noventa e cinco por cento das vezes, “enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes do email”<sup>155</sup>. Isto posto, diversos políticos passaram a usar a mídia para atingir um público maior de eleitoras(es), seja em período não eleitoral ou em eleitoral<sup>156</sup>, retomando assim a concepção extensiva do discurso político.

<sup>151</sup> PINTO, 2006, p. 86. Grifos meus.

<sup>152</sup> Empresa sediada em Paris que estuda as mídias sociais. Para mais informações ver: <<https://semioCast.com/>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

<sup>153</sup> O Brasil está atrás dos EUA (cento e sete milhões de contas) e é seguido pelo Japão (vinte nove milhões de contas). Disponível em: <<https://tinyurl.com/yymjg8jx>>. Acesso: em 02 nov. 2019.

<sup>154</sup> Embora não possua um dado específico do número de usuárias(os) que acessam ao Twitter, o estudo é interessante e corrobora o argumento de que as mídias sociais são potenciais. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ybq6pe54>>. Acesso em: 02. nov. 2019.

<sup>155</sup> Disponível em: <<https://tinyurl.com/y52mrjzs>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

<sup>156</sup> Durante as eleições de 2014, por exemplo, o sítio Academia do *Marketing* ensinou como utilizar o Twitter para fazer propaganda política. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vxe288n>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

Sobre o argumento de Luis Felipe Miguel, pode-se citar o fato que as últimas eleições brasileiras para o cargo de executivo foram influenciadas pelos espaços virtuais. Ou seja, isso demonstra que os políticos estão se adaptando a tais mídias e adotando sua linguagem para se comunicarem com suas(eus) seguidoras(es).

No tocante ao argumento de Céli Pinto, o primeiro ponto argumentado pela autora é uma característica também encontrada nos discursos produzidos nas mídias sociais. Talvez o exemplo mais significativo para comprovar isto é que nesses espaços existe uma variedade que foge do padrão de português preconizado em determinados contextos públicos. Falta de acentuação e pontuação são recorrentes nos tuítes. Isto demonstra que os discursos são transformados pela mídia social Twitter para que se possa publicar tudo o que se quer no limite de caracteres imposto: “Quem *sera* que defende a baderna *alem* dos baderneiros?”<sup>157</sup>, tuitou Eduardo Cunha para fazer menção a alguns participantes das manifestações, em dez de setembro de 2013.

Outra característica importante dos discursos produzidos nas mídias sociais é que, antes do advento de tais espaços virtuais, a expressão do pensamento dos políticos tinha como característica principal a ocupação de um lugar físico comum. Com as novas mídias, houve uma ruptura significativa nessa percepção, não sendo mais necessária a propagação de ideais políticos *vis-à-vis*:

A característica fundamental destas novas formas é que, com a extensão da disponibilidade oferecida pela mídia [televisiva], a publicidade de indivíduos, ações ou eventos, *não está mais limitada à partilha de um lugar comum*. Ações e eventos podem se tornar públicos pela gravação e transmissão para outros fisicamente distantes do tempo e do espaço de suas ocorrências. (...) *Estas novas formas não substituíram inteiramente o papel da publicidade tradicional de co-presença*. (...) Mas à medida que novos meios de comunicação foram se tornando mais penetrantes, *as novas formas de publicidade começaram a suplementar, e gradualmente, a estender, transformar e substituir a tradicional forma de publicidade*<sup>158</sup>.

John Thompson, não obstante, argumenta que isto é uma característica propiciada pela mídia tradicional. Contudo, creio que tal lógica possa ser estendida para as novas mídias. Aqui, ao

<sup>157</sup> Nota-se a ausência de acentuação em duas palavras. CUNHA. *Quem sera que defende a baderna alem dos baderneiros?*. [S.I.] 10 set. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2g9b3cw>>. Acesso em: 03 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>158</sup> THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 114.

invés da gravação, algo que também pode ser utilizado no Twitter, um tuíte assume a função de tornar algo público sem partilhar o mesmo espaço físico.

Assim sendo, é necessário perceber que as novas mídias sociais e, aqui em específico, o Twitter, se revelam como uma cartilha a ser seguida por sujeitos que estão na condição de políticos e, também, para a população no geral. Ao entregarem-se aos padrões dessas mídias, modificando seus discursos, simplificando-os e tornando-os mais objetivos, os sujeitos que utilizam tal mídia demonstram que a ocupação desses espaços faz parte de estratégias utilizadas no meio político para convencer e angariar mais eleitoras(es) e isso é feito, no Brasil, pelo menos desde os idos de 2013.

### 3. POR QUE GRITAMOS GOLPE?

Neste último capítulo do trabalho, cujo título é uma referência ao livro de Ivana Jinkings e Kim Dora e Murilo Cleto<sup>159</sup>, pretende-se explicar como se deu a redemocratização do país, após a ditadura civil-militar, e que neste momento firmava-se o pacto constitucional. Tal pacto seria rompido com o golpe de 2016. Em seguida, argumenta-se a importância das manifestações de junho de 2013 para o desenvolvimento do golpe. Por fim, busca-se analisar a transformação dos discursos políticos produzidos na mídia social Twitter, identificando os discursos mais agressivos contra o governo e a favor da deposição da presidenta Dilma Rousseff.

#### 3.1. A REDEMOCRATIZAÇÃO CONSERVADORA E A CONSTITUIÇÃO DE 1988

Com o golpe cívico-militar de 1964, a sociedade brasileira viveu, durante vinte e um anos, sob uma ditadura civil-militar de segurança nacional, anos estes marcados pelo terrorismo de Estado institucionalizado, desaparecimentos, sequestros, mortes e torturas, além da censura<sup>160</sup>. Tendo em vista os interesses dos diversos sujeitos envolvidos<sup>161</sup> neste

---

<sup>159</sup> JINKINGS; DORIA; CLETO, 2016.

<sup>160</sup> A pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Caroline Silveira Bauer, desenvolveu em sua tese, que, mais tarde, tornara-se livro, um ótimo estudo sobre essas práticas utilizadas como política de Estado. Para mais informações ver: BAUER, Caroline Silveira. *Brasil e Argentina: ditaduras, desaparecimentos e políticas de memória*. 2ed. Porto Alegre: Medianiz, 2014.

<sup>161</sup> A ditadura civil-militar, basicamente, sustentava-se pelo tripé-econômico representado pelos “*empresários nacionais*, que conheciam os corredores do poder e se encarregavam da negociação política dos grandes projetos de investimento;” pelas “*empresas estrangeiras*, em geral multinacionais que dominavam as tecnologias de produção;” e pelo “*Estado*, que fornecia a infra-estrutura, matérias-primas básicas (...), além de garantir, é claro,

modelo, a transição a um regime democrático não se deu da noite para o dia. Ao contrário disto, foi preciso investir, paulatinamente e de forma “lenta, gradual e segura”, em um processo de redemocratização, que culminaria na eleição indireta, referendada pelo colégio eleitoral, do candidato do PMDB, Tancredo Neves, em 1985. A abertura, orquestrada “pelos generais Ernesto Geisel e Golbery do Couto e Silva”<sup>162</sup>, entre 1974 e 1975, demarcando o retorno da linha *castelista* ao poder<sup>163</sup>, só é passível de ser compreendida se visualizarmos os processos internos, bem como a influência externa determinada pelos condicionantes da economia mundial.

Internamente, cabe destacar alguns acontecimentos que são fundamentais: a) após o Ato Institucional número dois, decretado em 27 de setembro de 1965, oficializa-se a eleição indireta para os cargos de presidente e vice-presidente da República, ratificada pelo Colégio Eleitoral, e extingue-se o pluripartidarismo, permitindo doravante apenas dois partidos, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), composto por membros do governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido oposicionista<sup>164</sup>. Isto é fundamental, porque em 1974 haveria eleições para o executivo que decidiriam o sucessor de Emílio Garrastazu Médici: se, por um lado, a ARENA indicaria Geisel para o pleito; o MDB, por outro lado, decidiria pela “anticandidatura” de Ulisses Guimarães<sup>165</sup>. A derrota do emedebista foi oficializada após a divulgação dos votos: setenta e seis favoráveis, vinte e sete abstenções e quatrocentos direcionados à Geisel. Todavia, o mais importante nestas eleições é que a anticandidatura era uma

---

a segurança para os investimentos”. KUCINSKI, Bernardo. *O fim da ditadura militar*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 9. Grifos meus.

<sup>162</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 467.

<sup>163</sup> Séquito do primeiro general-ditador Humberto de Alencar Castelo Branco, consideravam-se os intelectuais do exército. Suas origens políticas datam da época da União Democrática Nacional (UDN). Cf. KUCINSKI, 2001; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O tempo da ditadura - regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009 - Coleção O Brasil Republicano, v. 4.

<sup>164</sup> É importante salientar que esta oposição era consentida, portanto, dentro das normas do regime ditatorial vigente.

<sup>165</sup> A campanha do candidato ficara conhecida por seu discurso histórico: “Não é o candidato que vai recorrer o país. É o *anticandidato*, para *denunciar a antieleição, imposta pela anticonstituição* que homizia o AI-5, submete o Legislativo e o Judiciário ao Executivo, possibilita prisões desamparadas pelo habeas corpus e condenações sem defesa, profana a indevassabilidade dos lares e das empresas pela escuta clandestina, torna inaudíveis as vozes discordantes, porque ensurdece a nação pela censura à imprensa, ao rádio, à televisão, ao teatro e ao cinema”. GUIMARÃES, Ulisses. *Navegar é preciso. Viver não é*. Brasília, 1973, s. p. Grifos meus. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y64orovh>>. Acesso em: 07 out. 2019.

estratégia sugerida por parlamentares autênticos para utilizar o tempo disponível na televisão e *denunciar o regime autoritário*, a campanha desdobrou-se em uma intensa agenda de viagens pelas principais cidades do país nas quais eram realizados comícios, passeatas e encontros com diferentes atores sociais e organizações. Os relatos dos participantes dessa campanha dão conta de uma recepção calorosa em várias cidades, *possibilitando uma nova projeção pública do MDB e de Ulysses Guimarães*, que emergiu como grande líder do partido oposicionista<sup>166</sup>;

b) em virtude da campanha mobilizadora das eleições de março de 1974, alguns meses depois, em novembro, o MDB lograria ótimo desempenho em outros níveis políticos: dezesseis senadores das vinte e duas cadeiras disputadas; cento e sessenta e um assentos no Congresso Nacional, contra duzentos e três da ARENA; e maioria nas assembleias legislativas em estados nevrálgicos, a saber, o Rio Grande do Sul, o Rio de Janeiro e São Paulo. Embora o partido governista ainda tivesse maior força política, a partir de agora, “o MDB (...) se tornaria importante no processo de resistência democrática à ditadura militar”<sup>167</sup>;

c) percebendo a força do partido de oposição, o projeto de abertura de Geisel e Golbery tinha como horizonte o problema do chamado “revanchismo”. Isto é importante, pois, ao contrário do que acontecera nos demais países do Cone Sul (Argentina, Chile e Uruguai), a política de abertura brasileira é a única entre estes países “em que os agentes de Estado envolvidos em crimes (...) nesses períodos tiveram sucesso em barrar eventuais revisões do período à luz de novas perspectivas políticas, humanas e jurídicas”<sup>168</sup>. É desse sentimento de “esquecer o passado” que o projeto de “anistia ampla, geral e irrestrita”, foi pensado ao final do governo Geisel e aprovado em 1979, tornando-se a principal cláusula da redemocratização conservadora; d) em consonância com a Lei da Anistia, aprova-se a Lei Orgânica dos Partidos Políticos. Entendê-la é simples: enfraquecer a oposição, fragmentando-a. Eis que surge: o Partido Democrático Social (PDS), ex-ARENA; o MDB muda de nome para PMDB; o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) é refundado por Ivete Vargas; Leonel Brizola, após perder a disputa com Ivete funda o Partido Democrático Trabalhista (PDT); e surge, das fileiras do sindicalismo, o Partido dos Trabalhadores (PT), liderado por Luiz Inácio da Silva.

<sup>166</sup> CARVALHO, Alessandra. “Democracia e desenvolvimento” versus “Segurança e desenvolvimento”: as eleições de 1974 e a construção de uma ação oposicionista pelo MDB na década de 1970. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, jul/dez., 2012, p. 564. Grifos meus.

<sup>167</sup> FICO, Carlos. *História do Brasil Contemporâneo: da morte de Vargas aos dias atuais*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 92.

<sup>168</sup> MACHADO, Patrícia da Costa. Justiça de transição no Brasil: a atuação do Supremo Tribunal Federal e a reinterpretação da Lei da Anistia na ADPF nº 153. In: GALLO, Carlos Artur; RUBERT, Silvania (Orgs.) *Entre a memória e o esquecimento* - estudos sobre os 50 anos do golpe civil-militar no Brasil. Porto Alegre: Deriva, 2014, p. 244

Externamente, três aspectos são importantes, pois irão influenciar diretamente a política interna: a) o primeiro choque do petróleo, provocado pela Guerra do Yom Kippur, em outubro de 1973; b) a eleição, em 1976, de Jimmy Carter, mudando o tom da política exterior estadunidense, alterando-a para “uma estratégia global capaz de recuperar a hegemonia (...) por outros meios que não o simples *putsch* militar”<sup>169</sup>; e c) o segundo choque do petróleo, ocorrido em idos de 1980, influenciado diretamente pela Guerra Irã-Iraque. Desta forma, o governo perdera apoio externo e, ademais, em virtude do bloqueio petrolífero, o seu maior trunfo, isto é, o “milagre econômico”<sup>170</sup>, estava em bancarrota.

Somando os fatores internos e externos, os governos transicionais<sup>171</sup> realizariam uma redemocratização conservadora marcada “pela conciliação entre as elites”<sup>172</sup> e pela criação de “mecanismos de interdição do passado, anulando outros direitos, principalmente o direito à verdade”, além de não ocasionar “o fim do terror e a superação dos traumas”, cessando, pois, “os fatos, mas não suas consequências”.<sup>173</sup> Esta transição deu-se em 1985, quando os civis, representados por Tancredo Neves<sup>174</sup>, assumiram a presidência da república. Todavia, Tancredo morre, e José Sarney, acaba assumindo<sup>175</sup>. O próximo passo era “superar” a ditadura através de uma nova Constituição, que seria aprovada em 1988 após um processo intensivo de discussão e participação popular. Conhecida publicamente como a Constituição Cidadã, é a partir e sobre ela que as administrações civis vindouras firmaram um pacto social para manutenção da democracia que se erigia. Neste sentido,

---

<sup>169</sup> Embora os Estados Unidos da América (EUA) tenha tecido críticas à violação de direitos humanos no Brasil, isto era uma estratégia, em que, nas entrelinhas, configurava-se “uma nítida oposição ao Acordo Nuclear assinado com a Alemanha, bem como ao extremo estatismo e intervencionismo praticado pelo Brasil, inclusive com o estabelecimento da reserva de mercado em áreas de interesse americano”. SILVA, 2009, p. 252.

<sup>170</sup> Cf. NAPOLITANO, Marcos. Nunca fomos tão felizes: o milagre econômico e seus limites. In: *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

<sup>171</sup> São assim chamado os governos dos últimos ditadores, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo, pois foram os responsáveis pelo processo de transição política. Zilda Iokoi afirma que o conceito de transição para a realidade brasileira é utilizado como metáfora, porque houvera uma mudança, ou seja, se passara de uma ditadura para uma democracia, sem mudanças efetivas, isto é, o término do regime não significou a superação dos traumas e de alguns vícios políticos herdados. IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. A longa transição de conciliação ou estigma de cordialidade: democracia descontínua e de baixa intensidade, In: SANTOS, Cecília MacDowell; TELES, Edson; TELES, Janaína (orgs.). *Desarquivando a ditadura: memória, justiça e no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2009, p. 501.

<sup>172</sup> FICO, 2016, p. 110.

<sup>173</sup> BAUER, 2013, p. 119-123.

<sup>174</sup> Tancredo Neves era um ótimo nome, escolhido a dedo, porque se comprometera em não promover o “revanchismo”. Por isto e por seu histórico de político moderado e conciliador, tinha aceitação castrense.

<sup>175</sup> Sarney fora presidente do partido que sustentara o regime poucos meses antes.

a Constituição de 1988, segundo muitos analistas, acadêmicos ou não, instaurara no país uma *ordem jurídico-política*, precária, mas ao menos uma base para tal, (...) razoavelmente respeitada pelo pessoal político e pelas elites dominantes de um modo geral. (...) O sistema se mantinha às custas de um *grande acordo geral* não escrito de apoio eventual a um governante eleito e seu grupo em troca de favores pontuais que garantiam o que veio a ser denominado *governabilidade*<sup>176</sup>.

Como tuitou Michel Temer: “Desde a Constituição de 88, o *PMDB tem sido o centro da governabilidade do país*”<sup>177</sup>. Esse grande acordo geral ou pacto entre os políticos e partidos dirigentes<sup>178</sup> que mantinha a governabilidade, manteve-se, aos trancos e barrancos, até 2016, quando um golpe de Estado depôs a primeira presidenta eleita na história do país. O PMDB, ao romper tal pacto, junto com outros partidos, desequilibrou as forças políticas. Trata-se, pois, “de uma lógica de ruptura do contrato político instituído e com cujas regras parte majoritária da direita partidária vinha consentindo, ao menos publicamente, desde os anos 1990 e (...) disputando o poder político de forma legítima”<sup>179</sup>. Ruptura esta compactuada a partir do rearranjo das forças conservadoras - partidos e políticos da direita, parte do Judiciário e da mídia nativa - e, sobretudo, do desgaste público da imagem do governo promovido pela força tarefa da Lava Jato<sup>180</sup>, também de viés conservador. Tudo isso faz com que, uma vez mais, tenhamos o objetivo e o dever de promovermos uma redemocratização. Tomara, porém, que desta vez, de forma não conservadora.

### 3.2. PRÉ-GOLPE: JUNHO DE 2013

As grandes manifestações que irromperam em diversas capitais do país começaram na capital da Legalidade: Porto Alegre. Iniciadas no mês de fevereiro, estas foram lideradas pelo movimento denominado *Bloco de Lutas*, contra o aumento da passagem do transporte

<sup>176</sup> GRIJÓ, 2018, p. 446. Grifos meus.

<sup>177</sup> TEMER. *Desde a Constituição de 88, o PMDB tem sido o centro da governabilidade do país*. São Paulo, 31 jul. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/twuksnk>>. Acesso em: 07 out. 2019. Grifos meus.

<sup>178</sup> Geralmente o sistema político que se manteve até 2016 era popularmente identificado como presidencialismo de coalizão. Este sistema é baseado na cooperação, via troca de favores, para que projetos sejam aprovados. Não concordo com este sistema, todavia, penso ser espúrio identificar nisso a materialização do golpe, porque “a crise política que desemboca no golpe (...) é resultado não do funcionamento das instituições, mas sim de sua usurpação e de seu mau uso por parte de segmentos fundamentais das elites e dirigentes estatais”. SANTOS, Fabiano; SZWAKO, Santos. Da ruptura à reconstrução democrática no Brasil. In: *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 40, n. especial, 2016, p. 118.

<sup>179</sup> SANTOS; SZWAKO, *op. cit.*, p. 115.

<sup>180</sup> É importante destacar que a força tarefa Lava Jato só foi possível devido à sustentação que teve da grande mídia e pela blindagem promovida pelos ministros Edson Fachin, Luiz Fux e Luís Roberto Barroso do Supremo Tribunal Federal. Para mais informações ver: SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017; BRASIL, The Intercept. Disponível em: <<https://theintercept.com/brasil/>>.

público. Neste momento, já se pode perceber que tal grupo era difuso, congregando diversos grupos políticos à esquerda do espectro político:

[entre] os coletivos anarquistas e libertários, se encontravam a *FAG (Federação Anarquista Gaúcha)*, o *Assentamento Urbano Utopia e Luta* e o *Moinho Negro*. Havia também militantes do *Partido dos Trabalhadores (PT)* e de partidos à esquerda do PT: *PSOL (Partido Socialismo e Liberdade)*, com diversas das suas correntes: *Vamos à Luta*, *Alicerce*, *Juntos*, *CST*, *PSTU (Partido Socialista Trotskista Unificado)* e *PCB (Partido Comunista Brasileiro)*. Os militantes destes partidos políticos também tinham ligações diretas com dirigentes sindicais ou eram eles mesmos dirigentes de sindicatos: o *Sindicato dos Bancários de Porto Alegre* (com forte tradição petista), o *SIMPA* (com muita influência do PSTU), o *CPERGS* (com mais peso do PSOL)<sup>181</sup>.

Influenciadas pelas lutas da capital riograndense, as manifestações que irão se erigir dar-se-ão com maior amplitude sobretudo na cidade de São Paulo, chamadas pelo *Movimento Passe Livre*<sup>182</sup>. Chama a atenção "a rápida massificação e a disseminação das manifestações pelas cidades brasileiras" em função sobretudo das "articulações via internet"<sup>183</sup>. O papel do ciberespaço neste momento é decisivo, pois é a partir dele que muitas pessoas passam a se inteirar do que está acontecendo e a aderir às lutas.

Esses protestos que surgem em junho, de acordo com André Singer, podem ser divididos em três etapas:

*A ebulição* foi iniciada por *fração pequena*, embora valorosa, da classe média, com manifestações praticamente circunscritas à cidade de São Paulo nos dias 6, 10, 11 e 13 de junho. Nessa *primeira etapa* havia um objetivo específico: a *redução do preço das passagens* do transporte público.

(...) O uso desmedido da força [policial] atraiu a atenção e a simpatia do grande público. Inicia-se, então, a *segunda etapa* do movimento, com as manifestações de 17, 18, 19 e 20 (...), quando alcança o auge. Agora *outras frações* da sociedade entram espontaneamente em cena. (...) Surge quase um cartaz por manifestante, o que leva a uma *profusão de dizeres e pautas*.

(...) Na *terceira etapa*, que vai do dia 21 até o final do mês, o movimento se fragmenta em mobilizações parciais com objetivos específicos (*redução de pedágios, derrubada da PEC 37, protesto contra o Programa Mais Médicos*, etc).

(...) Ainda sob o impulso da força liberada na segunda fase, mas já separadas por

<sup>181</sup> SEGARRA, Josep. "Paz entre nós, guerra aos senhores!": uma etnografia sobre o Bloco de Lutas pelo Transporte Público e a ocupação da Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Dissertação em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2015, p. 27. Grifos meus.

<sup>182</sup> Este movimento possui uma espécie de blog na internet, em que se definem como: "O Movimento Passe Livre (MPL) é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada. O MPL é um grupo de pessoas comuns que se juntam há quase uma década para discutir e lutar por outro projeto de transporte para a cidade. Estamos presentes em várias cidades do Brasil e lutamos pela democratização efetiva do acesso ao espaço urbano e seus serviços a partir da Tarifa Zero!" Disponível em: <<https://www.mpl.org.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

<sup>183</sup> GONDIM, Linda Maria de Pontes. Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das manifestações de Junho de 2013. *Revista Latinoamericana*, v. 15, n. 44, 2016, p. 361. Grifos meus.

inclinações diferentes, as manifestações começam a se *dividir*, como um rio que se abraça em múltiplos braços no descenso da montanha<sup>184</sup>.

Ou seja, a primeira etapa é um movimento de menor amplitude, porém com uma pauta delimitada e municipalizada; a segunda é marcada pelo aumento de participantes e por uma proliferação de pautas, perdendo, portanto, o foco inicial; e na terceira ocorre a cisão do movimento e continua-se com diversas demandas, agora federalizadas.

Embora o papel da mídia tenha sido decisivo para ditar os rumos das manifestações, Jessé Souza argumenta que, entre os dias 10 e 13 de junho<sup>185</sup>, a cobertura fora, de um modo geral, negativa sobre o que estava acontecendo nas ruas das capitais: “No dia 10 de junho, (...) aconteceu a *primeira referência* (...). Como toda primeira referência, ela foi *negativa*. (...) No dia 12 (...) a palavra ‘*vandalismo*’ tornou-se recorrente (...). No dia 13, (...) a cobertura jornalística *seguiu o mesmo padrão anterior*”<sup>186</sup>. Reinaldo Azevedo, fez tuítes em conformidade com a empresa Globo, depreciando o MPL, criminalizando as(os) manifestantes e associando-as(os) ao petismo: “Movimento Passe Livre: um escárnio com o dinheiro público”<sup>187</sup>; “NOVE(!) *burguesinhos* pararam o trânsito na Marg.Pinheiros, cassando o direito de ir e vir de quem trabalha de verdade”<sup>188</sup>; “Passe Livre — milhões de trabalhadores e estudantes são refens da truculência de meia-dúzia de *fascistoides*”<sup>189</sup>; “Acredite: tem DINHEIRO PÚBLICO por trás dos vândalos que querem ‘passe livre’ nos ônibus!”<sup>190</sup>; “Os *terroristas* que ameaçam a segurança dos paulistanos já estão na antessala do

<sup>184</sup> SINGER, André. Brasil, Junho de 2013. Classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos* 97, nov. 2013, p. 24-26. Grifos meus.

<sup>185</sup> Ainda na primeira etapa das manifestações, portanto.

<sup>186</sup> SOUZA, 2016, p. 89. Grifos meus.

<sup>187</sup> AZEVEDO. *Movimento Passe Livre: um escárnio com o dinheiro público*. [S.I.] 11 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sc5977z>>. No tuíte havia o endereço para o texto de seu blog com o seguinte título: “Entidade que é dona de domínio do ‘Movimento Passe Livre’ recebe dinheiro da Petrobras e do Ministério da Cultura e tem incentivo da Lei Rouanet”. Para ver na íntegra o texto: <<https://tinyurl.com/swgceuz>>. Ambos acessados em: 11 nov. 2019

<sup>188</sup> *Idem*. *NOVE(!) burguesinhos pararam o trânsito na Marg.Pinheiros, cassando o direito de ir e vir de quem trabalha de verdade*. [S.I.] 11 jun. 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ut7jgd4>>. Acesso em: 11 nov. 2019. Grifo meu.

<sup>189</sup> *Idem*. *Passe Livre — milhões de trabalhadores e estudantes são refens da truculência de meia-dúzia de fascistoides*. [S.I.] 11 jun. 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sxv4gng>>. Acesso em: 11 nov. 2019. Grifo meu.

<sup>190</sup> *Idem*. *Acredite: tem DINHEIRO PÚBLICO por trás dos vândalos que querem "passe livre" nos ônibus!*. [S.I.] 12 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ulznhqf>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

prefeito”<sup>191</sup>; “Tem gente tratando as manifestações contra o aumento da passagem como manifestações pelos direitos civis! Não são!”<sup>192</sup>.

Essa representação dos protestos como algo nocivo para o país permaneceu até o dia 17, data do início da segunda etapa. Neste momento, “o protesto passou a ser definido como *pacífico (...)*” e agora “os protestos eram tidos como ‘*expressão democrática (...)*’”<sup>193</sup>. Havia uma maior compreensão sobre as manifestações: “(...) o governo federal deve ‘dialogar com os manifestantes e procurar soluções para os problemas’”<sup>194</sup>; e “(...) a manifestação é um direito democrático, estipulado em nossa Constituição”<sup>195</sup>, publicou Michel Temer em seu Twitter. Reinaldo Azevedo, não obstante, seguia criticando as manifestações. Porém, chama a atenção que o próprio jornalista percebera a mudança radical da empresa Globo, tuitando que “Apesar de *cobertura favorável às manifestações*, Globo vira alvo de protestos e é chamada de ‘fascista’”<sup>196</sup>. Fato curioso é o seguinte tuíte que traz o comentário sobre uma liderança do MPL: “Uma líder do MPL parecia até irritada c/a tentativa da imprensa de tentar ampliar a pauta. *Deixou claro: querem a redução da tarifa*”<sup>197</sup>. Este ataque direcionado à empresa Globo é importante, pois denota que algumas poucas pessoas perceberam a manipulação midiática. É nesse momento, portanto, que ocorrem mudanças significativas: 1) pessoas de classe média com renda alta passam a ser maioria nas ruas<sup>198</sup>; 2) profusão de pautas que serão

<sup>191</sup> AZEVEDO. *Os terroristas que ameaçam a segurança dos paulistanos já estão na antessala do prefeito*. [S.I.] 12 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rq3gtd4>>. Acesso em: 11 nov. 2019. Grifo meu. O prefeito de São Paulo neste momento era Fernando Haddad (PT).

<sup>192</sup> *Idem*. *Tem gente tratando as manifestações contra o aumento da passagem como manifestações pelos direitos civis! Não são!* [S.I.] 10 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxygzxzw>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

<sup>193</sup> SOUZA, *op. cit.*, p. 90. Grifos meus.

<sup>194</sup> TEMER. (AI) *Michel Temer afirmou hoje que o governo federal deve "dialogar com os manifestantes e procurar soluções para os problemas"*. [S.I.] 18 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w6ofxsd>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

<sup>195</sup> *Idem*. (AI) *Em entrevista à BBC Brasil, Temer disse que "a manifestação é um direito democrático, estipulado em nossa Constituição"*. [S.I.] 18 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qoc3zmd>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

<sup>196</sup> AZEVEDO. *Apesar de cobertura favorável às manifestações, Globo vira alvo de protestos e é chamada de "fascista"*. [S.I.] 17 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vkv6hol>>. Acesso em: 11 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>197</sup> *Idem*. *Uma líder do MPL parecia até irritada c/a tentativa da imprensa de tentar ampliar a pauta. Deixou claro: querem a redução da tarifa*. [S.I.] 18 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/xfou4c4>>. Acesso em: 11 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>198</sup> Em pesquisa realizada pelo Ibope em setembro de 2013: “Em relação à renda: 15% têm renda familiar até 2 salários mínimos; 30% têm renda familiar acima de 2 até 5 salários mínimos; 26% têm renda familiar acima de 5 até 10 salários mínimos; 23% têm renda familiar acima de 10 salários mínimos; 6% não responderam.” Grifos meus. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rdchnj7>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

o alvo da terceira etapa; 3) criação da opinião pública sobre o governo como corrupto e inimigo do povo.

No findar da segunda etapa, isto é, dia 20, “o fim da corrupção já se tornara a palavra mais importante (...) transformando-se na bandeira central de todo movimento conservador a partir daí”<sup>199</sup>.

Ao iniciar o dia 21, demarcando o início da última etapa das mobilizações de junho, a mídia já ditava as regras do jogo. As pautas haviam *federalizado-se*: “defendemos a *redução no número de ministérios*”<sup>200</sup>; a política começa a ser *criminalizada*: “Diga *NÃO!* Às *bandeiras partidárias* nos protestos”<sup>201</sup>. Sobre isto, Jessé Souza comenta:

Criou-se então uma oposição entre uma ‘política viciada’, tendencialmente corrupta e distante das ruas, e uma ‘nova política’, supostamente mais espontânea, com maior capilaridade social, em grande parte possibilitada pelo uso das mídias sociais (...). [Porém], como se veria depois de modo mais claro, o suposto novo era, pelo menos em grande medida, o que a ‘novidade’ é, na imensa maioria das vezes, mais ou menos em todo lugar: mera máscara de algo muito velho, ansioso por parecer novidade. No nosso caso, tratava-se de uma máscara da velha e surrada *rejeição conservadora e antidemocrática* à política vista como suja e corrupta<sup>202</sup>.

Criou-se, ademais, um sentimento de que o petismo havia enganado a população e, portanto, merecia ser combatido: “A PresidentA mentiu, e agora?”<sup>203</sup>. Essas pautas são, sem dúvida, importantes para compreender o desgaste do governo. Todavia, a mais importante fora a derrubada da PEC 37<sup>204</sup>. Esta já era defendida por alguns manifestantes anteriormente<sup>205</sup>. Não obstante, é quando a mídia<sup>206</sup> passa a rebocar o movimento que a pauta se torna central. Ao fazer isto, a mídia passou a “fazer um ‘carinho’ materializado pelo apoio explícito de pautas

<sup>199</sup> SOUZA, 2016, p. 92. Grifos meus.

<sup>200</sup> NAS RUAS. *#limpezaMinisterial defendemos a redução no número de ministérios*. [S.I.] 25 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/u3vs68c>>. Acesso em: 11 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>201</sup> *Idem*. *Diga NÃO! Às bandeiras partidárias nos protestos*. [S.I.] 23 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sx4t5f5>>. Acesso em: 11 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>202</sup> SOUZA, 2016, p. 99 *et. seq.* Grifos meus.

<sup>203</sup> NAS RUAS. *A PresidentA mentiu, e agora?*. [S.I.] 23 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sxmaudf>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

<sup>204</sup> A proposta de emenda à constituição de número trinta e sete tinha por objetivo limitar a atividade de investigação criminal às polícias federal e civil dos estados e do Distrito Federal. Esta prática, porém contrariava interesses do Ministério Público.

<sup>205</sup> NAS RUAS. “@Mara\_Zumpa: Entidades internacionais apóiam o MP brasileiro na luta contra a PEC 37. O lema é #SouContraPEC37, a PEC da Impunidade.” [S.I.] 11 jan. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vsm2jsk>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

<sup>206</sup> Reinaldo Azevedo, por exemplo, em abril já criticava à PEC: “Eu me oponho a PEC 37 (...)” Em seu blog, publicou: “Eu era contra a proposta e aplaudo a rejeição.” AZEVEDO. *Eu me oponho a PEC 37. Mas também acho que é hora de o MP descobrir que não é o Quarto Poder, acima dos outros*. [S.I.] 23 abr. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/s7rghad>>. Texto do blog: <<https://tinyurl.com/rmse8or>>. Publicado em: 26 jun. 2013. Ambos acessados em: 11 nov. 2019.

corporativas do aparelho jurídico-policial do Estado a sempre mais poder sem controle, um prenúncio das estratégias de ‘vazamento seletivo’ que se daria mais tarde”<sup>207</sup>. Pouco dias depois da mídia incidir sobre às ruas, o congresso vetava a PEC e Eduardo Cunha tuitava: “Câmara ouviu voz das ruas e disse não à PEC 37 (...)”<sup>208</sup>. Isto significou o fortalecimento do MP, órgão que, mais tarde, seria um dos principais articuladores do golpe e, portanto, representava um “ponto de virada da hegemonia ideológica até então dominante”<sup>209</sup>.

Era o sucesso absoluto da campanha midiática pela *federalização* das manifestações e pela *personalização* do descontentamento na pessoa da presidente da República: ocorreria queda de 35 pontos na popularidade de Dilma se a comparação se der com o mês de março de 2013, quando a presidenta gozava de sua maior taxa de aprovação popular. A rejeição também aumenta de inexpressivos 7% para 25%. Sucesso total da violência simbólica. *Esse foi o efetivo começo do golpe*<sup>210</sup>.

### 3.3. OS DISCURSOS POLÍTICOS PRODUZIDOS NO TWITTER

Apesar da massiva utilização da mídia social Twitter atualmente para a propagação de discursos políticos, percebe-se que, durante o recorte temporal estabelecido, o uso para este propósito inicia-se tímido em 2013 e intensifica-se acompanhando a expansão do ciberespaço. Portanto, embora estivessem imersos no jogo político e participando do mesmo contexto, os sujeitos aqui analisados manifestaram em diferentes proporções seus interesses pessoais e/ou de seus respectivos grupos.

Michel Temer, por exemplo, referia-se constantemente ao governo de maneira positiva, pois fazia parte deste. Desta forma, teceu comentários sobre a importância das políticas públicas promovidas pela coalizão PT-PMDB: “A aliança Dilma-Michel Temer já retirou 1,4 milhões de mineiros da extrema pobreza (...)”<sup>211</sup>; “Bela a cerimônia de comemoração dos 10 anos do bolsa família. Mais de 36 milhões de brasileiros fora da miséria. Uma vitória do Brasil”<sup>212</sup>; “Com a infraestrutura que está sendo criada, o Brasil dará

<sup>207</sup> SOUZA, 2016., p. 93.

<sup>208</sup> CUNHA. *Câmara ouviu voz das ruas e disse não à PEC 37, diz Eduardo Cunha, aplaudido pela galeria em discurso contra PEC*. [s.i.] 25 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rekceje>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

<sup>209</sup> SOUZA, *op. cit.*, p. 87.

<sup>210</sup> *Ibidem*, p. 95. Grifos meus.

<sup>211</sup> TEMER. (AI) *A aliança Dilma-Michel Temer já retirou 1,4 milhões de mineiros da extrema pobreza em apenas quatro anos*. [S.I.] 01 ago. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/scc3tem>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>212</sup> *Idem*. *Bela a cerimônia de comemoração dos 10 anos do bolsa família. Mais de 36 milhões de brasileiros fora da miséria. Uma vitória do Brasil*. [S.I.] 30 out. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/thewlt8>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus. Temer reconhece a importância do programa Bolsa Família, política pública tão criticada por setores da direita.

um salto nos próximos anos"<sup>213</sup>; “Oferecemos crédito, abrimos mercados e garantimos o crescimento desse setor que é um dos grandes orgulhos do nosso país”<sup>214</sup>; “O Brasil gerou 20 milhões de empregos em 10 anos (...)”<sup>215</sup>; “(...) a aliança PT-PMDB é muito forte e é o melhor para o Estado”<sup>216</sup>; “O que nós fizemos pelo país não tem tamanho”<sup>217</sup>; “O governo não governou só pra uma classe social. Em 2002, eram 12 milhões de pessoas com padrão de vida melhor. Hj são 30 milhões”<sup>218</sup>; “Se é para continuar as políticas públicas, ninguém melhor do que quem já as estão fazendo, nossa presidenta @dilmabr”<sup>219</sup>.

Além disso, amiúde, Temer fazia elogios à Dilma, destacando sua capacidade como presidenta: “Tenho muito orgulho de estar ao lado de @dilmabr por que *ela* tem o governo do diálogo com todos”<sup>220</sup>; “@dilmabr dialoga com os pobres, dialoga com os empresários, com o agronegócio. *Ela* respeita e preserva as instituições”<sup>221</sup>; “Quem garante a presença dos mais humildes no supermercado é a @dilmabr, quem proporciona a primeira viagem de avião de muitos é *ela*”<sup>222</sup>; “Devemos apoiar @dilmabr porque este é um dos governos que *mudou a*

<sup>213</sup> TEMER. *Com a infraestrutura que está sendo criada, o Brasil dará um salto nos próximos anos*. [S.I.] 5 jun. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vs96f9k>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>214</sup> *Idem*. *Oferecemos crédito, abrimos mercados e garantimos o crescimento desse setor que é um dos grandes orgulhos do nosso país*. [S.I.] 06 ago. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/umaqmua>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus. Referindo-se ao setor da agricultura.

<sup>215</sup> *Idem*. *O Brasil gerou 20 milhões de empregos em 10 anos. E isso na grave crise econômica internacional. Portanto, o Brasil continua prosperando*. [S.I.] 04 abr. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w4sda4r>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>216</sup> *Idem*. *As pessoas vão perceber que a aliança PT-PMDB é muito forte e é o melhor para o Estado*. [S.I.] 24 jul. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/uncvhcp>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>217</sup> *Idem*. *O que nós fizemos pelo país não tem tamanho*. [S.I.] 14 set. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qwflxcc>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>218</sup> *Idem*. (AI) *O governo não governou só pra uma classe social. Em 2002, eram 12 milhões de pessoas com padrão de vida melhor. Hj são 30 milhões*. São Paulo, 10 dez. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/thjrx3n>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>219</sup> *Idem*. “Se é para continuar as políticas públicas, ninguém melhor do que quem já as estão fazendo, nossa presidenta @dilmabr”, #MichelTemer. [S.I.] 20 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v64bty4>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>220</sup> *Idem*. *Tenho muito orgulho de estar ao lado de @dilmabr por que ela tem o governo do diálogo com todos*. #MichelTemerEmJales. Lages, 30 ago. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tev7hrp>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>221</sup> *Idem*. *@dilmabr dialoga com os pobres, dialoga com os empresários, com o agronegócio. Ela respeita e preserva as instituições*. [S.I.] 30 ago. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v2pvnvf>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>222</sup> *Idem*. *Quem garante a presença dos mais humildes no supermercado é a @dilmabr, quem proporciona a primeira viagem de avião de muitos é ela*. Lages, 27 set. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w6rx4hw>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

*história desse país*<sup>223</sup>; “@dilmabr é, sem dúvida, a pessoa com mais capacidade de conduzir nosso país nos próximos quatro anos”<sup>224</sup>.

O vice-presidente também se posicionou contrário ao processo de impeachment que vinha sendo solicitado por parte da sociedade e de grupos políticos da direita: “O *impeachment é impensável*, geraria uma crise institucional. *Não tem base jurídica e nem política*”<sup>225</sup>; “Só se pode pleitear impeachment em hipóteses constitucionais. Em nenhuma delas, há esta possibilidade”<sup>226</sup>. No tocante à possível crise no governo, tuitou: “Eu [e] a presidente @Dilmabr não damos muita importância sobre o que sai nos jornais. *Estamos vacinados contra eventuais intrigas*”<sup>227</sup>; “São infundados os boatos de que deixei a articulação política. (...) Tenho responsabilidades com meu país e *com a presidente Dilma*”<sup>228</sup>. É importante ressaltar que Temer faz esta publicação no mês de março de 2015, época das manifestações de rua que clamavam pelo impeachment. Entretanto, com a abertura do processo de impeachment, feita em 2 de dezembro de 2015, o vice-presidente deixará sua postura de aliado e adotará o discurso da legalidade do processo, passando para a trincheira dos golpistas, ao tuitar que “vivemos regime de *normalidade democrática* extraordinária”<sup>229</sup> e “(...) *não há crise institucional*”<sup>230</sup>.

Ao contrário de Temer, Eduardo Cunha manteve postura ambígua a respeito do governo. Por um lado, elogiava a política econômica, definindo-a como “*positiva* para a economia”<sup>231</sup>; publicava sobre a unidade do governo, tuitando que seu partido “*faz parte da*

<sup>223</sup> TEMER. *Devemos apoiar @dilmabr porque este é um dos governos que mudou a história desse país*. Lages, 27 set. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tv5ofvf>>. Acesso em: 17 nov. 2014. Grifos meus.

<sup>224</sup> *Idem*. @dilmabr é, sem dúvida, a pessoa com mais capacidade de conduzir nosso país nos próximos quatro anos. [S.I.] 30 jul. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/srupm4e>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>225</sup> *Idem*. *O impeachment é impensável, geraria uma crise institucional. Não tem base jurídica e nem política*. [S.I.] 29 mar. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wb5ufg9>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>226</sup> *Idem*. *Só se pode pleitear impeachment em hipóteses constitucionais. Em nenhuma delas, há esta possibilidade*. Espanha, 23 abr. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/quxqkb5>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>227</sup> *Idem*. “Eu a presidente @Dilmabr não damos muita importância sobre o que sai nos jornais. *Estamos vacinados contra eventuais intrigas*”. Brasília, 18 mar. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vmz5cs2>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>228</sup> *Idem*. *São infundados os boatos de que deixei a articulação política. Continuo. Tenho responsabilidades com meu país e com a presidente Dilma*. São Paulo, 07 ago. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/seyj8oo>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>229</sup> *Idem*. #Video “*Vivemos regime de normalidade democrática extraordinária*” <https://tinyurl.com/vsgjvl4>. Brasília, 09 dez. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qu3rf6b>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>230</sup> *Idem*. *Por mais crise econômica e política que possa ter, não há crise institucional*. São Paulo, 11 nov. 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/suspswb>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>231</sup> CUNHA. *E mais uma iniciativa do Governo positiva para a economia*. [s.i.] 10 out. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ro8q27o>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifo meu.

*base do governo e assim continuara*<sup>232</sup> e que, portanto, “*não é oposicao*”<sup>233</sup>. Ratificava isto externando que caso se confirmasse sua candidatura para presidência da Câmara, esta “*não será de oposição ao governo*”<sup>234</sup>. Por outro lado, diversas vezes criticou o PT, insinuando que este partido possuía uma estratégia para conseguir “*poder hegemônico*”<sup>235</sup> e “*diminuir a bancada dos aliados*”<sup>236</sup>. Tais posturas, uma vez mais, demonstram que Cunha não era sujeito digno da confiança de Dilma e seu partido, pois, em poucos meses, seus discursos mudavam radicalmente. Se, em março de 2014, argumentava que o PMDB teria que “*se definir se quer ou não ficar nessa aliança*”<sup>237</sup>, em outubro do mesmo ano já havia se posicionado, não era mais oposição, porém ainda tecia críticas à “*estratégia petista*”.

Apesar de no final de 2014 e início de 2015, respectivamente em novembro e janeiro, ainda expressar certa ambiguidade de posições ao dizer que “*Temos divergências sim com o Pt em vários pontos,mas nada que precise transformar a disputa Parlamento em guerra*”<sup>238</sup> e que “*NAo seremos submissos ao governo e naao seremos de oposicao*”<sup>239</sup>, com o transcorrer dos acontecimentos, porém, sua posição tornou-se mais patente e a oposição ao PT era mais visível. Três meses após este tuíte, em abril, Cunha deu entrevista e publicou que “*o PT não vai constranger o PMDB*”<sup>240</sup>. Isto indicava uma briga entre as duas siglas, que continuaria nos meses subsequentes: “*Quero agradecer as manifestações de hostilidade no congresso do PT*”<sup>241</sup>. Em julho, Cunha formaliza sua oposição no seguinte tuíte: “*(...) Eu, formalmente, estou*

<sup>232</sup> CUNHA. *O PMDB faz parte da base do governo e assim continuara*. [s.i.] 30 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w7x986o>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>233</sup> *Idem*. *Nunca passou pela minha cabeça construir qualquer candidatura de oposicao,ate porque meu partido não é oposicao*. [s.i.] 30 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tjexwea>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>234</sup> *Idem*. *Se por ventura no futuro decidir colocar a candidatura,ela não será de oposição ao governo*. [S.I.] 30 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/uxef5h5>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>235</sup> *Idem*. *O que falei e que a casa não quer dar poder hegemônico a um único partido,dai a dificuldade do PT*. [s.i.] 30 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tqu2zyc>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>236</sup> *Idem*. *Nao tenho duvidas que essa decisão do PT faz parte de estratégia para diminuir a bancada dos aliados visando a aumentar a deles*. Disponível em: <<https://tinyurl.com/scs4sms>>. Este tuíte faz menção à defesa do PT pelo plebiscito para a reforma política. Para mais informações ver: <<https://tinyurl.com/t5f6tw2>>.

<sup>237</sup> *Idem*. *O PMDB tera,em algum momento,que se definir se quer ou não ficar nessa alianca*. [S.I.] 07 mar. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wlqzth7>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>238</sup> *Idem*. *Temos divergências sim com o Pt em vários pontos,mas nada que precise transformar a disputa Parlamento em guerra*. [S.I.] 2 nov. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vw8v8jl>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>239</sup> *Idem*. *Essas são as nossas diferenças.NAo seremos submissos ao governo e naao seremos de oposicao*. [S.I.] 2 jan. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tyy4xpq>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>240</sup> *Idem*. *Cunha afirma que o PT não vai constranger o PMDB*. [S.I.] 1 abr. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/twere7r>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>241</sup> *Idem*. *Quero agradecer as manifestações de hostilidade no congresso do PT.Issso e sinal que estou no caminho certo*. [S.I.] 13 jun. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/t2wx4ro>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

*rompido com o governo. Politicamente estou rompido*<sup>242</sup>. Daí em diante, o deputado passa a sustentar a ideia de que seu partido deixe o governo: “*Defendi e defendo que (...) o PMDB saia do governo (...)*”<sup>243</sup>. Pouco tempo depois, Cunha aceitaria abrir um dos vários pedidos de impeachment protocolados contra a presidenta Dilma.

Em comparação com as outras figuras já mencionadas, Paulo Skaf é mais contundente e seus discursos demonstram postura única desde 2013, caracterizada por críticas à política econômica do governo. Em julho deste ano lançou a famosa frase que, mais tarde, seria slogan dos manifestantes de 2015: “a conta não é nossa”<sup>244</sup>. Esta frase inicialmente referia-se ao pagamento de dez por cento para o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) caso o(a) trabalhador(a) fosse demitido(a) sem justa causa. Skaf, neste sentido, argumentava que deveria se extinguir essa política, pois traria alívio às empresas e aos empresários. Não obstante, Dilma vetou o projeto. O líder da FIESP/CIESP passou a direcionar críticas mais ferozes ao governo, argumentando que a presidenta, ao não aprovar o projeto de lei complementar, “não contribui[a] para crescimento do país”<sup>245</sup>. Indo em direção à Dilma, Skaf afirmou com todas as letras que os setores industriais e empresariais do país vão “trabalhar para a derrubada desse veto”<sup>246</sup>. Tal atitude tornou-se recorrente em várias manifestações do empresário: “*Derrubar o veto presidencial que mantém a cobrança de multa adicional de 10% sobre o FGTS é uma das lutas da @Fiesp*”<sup>247</sup>; “Nota oficial aponta equívoco na decisão do Congresso Nacional sobre adicional de 10% do #FGTS”<sup>248</sup>.

<sup>242</sup> CUNHA. *Saiba que o presidente da Câmara agora é oposição ao governo. Eu, formalmente, estou rompido com o governo. Politicamente estou rompido*. [S.I.] 17 jul. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tzhnlvb>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>243</sup> *Idem*. Defendi e defendo que no congresso ou convencao nacional,o PMDB saia do governo e não ficar nessaa posição mesquinha de barganhar cargos. [S.I.] 25 set. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w7oxkgj>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>244</sup> Texto na íntegra: <<https://tinyurl.com/ujn9ucr>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>245</sup> SKAF. “*Veto da presidente Dilma aos 10% de multa no #FGTS não contribui para crescimento do país*”. <https://tinyurl.com/r7pwj44> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 25 jul. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/s3ybvvpj>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>246</sup> *Idem*. “Vamos trabalhar para a derrubada desse veto”, afirma Paulo Skaf sobre adicional de 10% do FGTS <https://tinyurl.com/wjzmm8> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 05 ago. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yx2kadr>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>247</sup> *Idem*. *Derrubar o veto presidencial que mantém a cobrança de multa adicional de 10% sobre o FGTS é uma das lutas da @Fiesp*. #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 18 ago. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v3sfosl>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>248</sup> *Idem*. *Nota oficial aponta equívoco na decisão do Congresso Nacional sobre adicional de 10% do #FGTS*: <https://tinyurl.com/udcg2qj> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 18 set. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/t3bfuwu>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

Outra crítica comum de Skaf ao governo versava sobre a *burocracia*, ou seja, a presença do Estado contra os abusos cometidos pelos empresários que visam, sobretudo, o lucro individual. Esses ataques estendem-se de 2013 a 2015 e podem ser visualizados em diversas publicações: “Burocracia atrapalha crescimento (...)”<sup>249</sup>; “Em 2014, queremos um #Brasil (...) [com] menos #burocracia (...)”<sup>250</sup>; “A burocracia no Brasil engessa as pessoas e empresas (...)”<sup>251</sup>; “(...) reduzir a burocracia sufocante. É disso que o Brasil precisa”<sup>252</sup>. Além disso, Skaf percebeu algo que estava presente no senso comum da sociedade e que a população, em geral, critica com frequência: os impostos. Ao dizer que a “sociedade quer menos impostos e mais qualidade”<sup>253</sup>, não definindo quais impostos<sup>254</sup>, o empresário cai nas graças da população e passa a ser visto como uma possível liderança. Esta liderança seria assumida um ano depois, quando publicou: “De batalha em batalha, *estamos* ajudando a mudar, a melhorar as coisas no Brasil”<sup>255</sup>. Percebendo seu potencial de mobilização da sociedade, Skaf também promove a hashtag #NãoVamosPagarOPato, que possuía a seguinte justificativa em seu site:

Você já viu este filme: Toda vez que precisa cobrir seus gastos, em vez de cortar despesas, o governo acha mais fácil passar a conta adiante. Adivinha para quem sobra? Isso mesmo: para *as empresas* e os trabalhadores, que já vêm sofrendo com o aumento da inflação, dos juros, da taxa de câmbio e das tarifas de energia. Aumentar ainda mais os impostos e trazer de volta a CPMF vai forçar *as empresas* a fechar um grande número de vagas de empregos. Afetará duramente *a indústria*, o comércio, o setor de serviços e os pequenos empreendedores. Com o desemprego em alta, as famílias são as que mais sofrem e são obrigadas a reduzir o consumo. Com isso, *o faturamento das empresas cai*, as demissões aumentam ainda mais e o governo arrecada menos impostos. Um círculo vicioso que só agrava o problema.

<sup>249</sup> SKAF. #Burocracia atrapalha crescimento, diz Paulo Skaf para a rádio @MORADAFM, de #Araraquara. <https://tinyurl.com/rhnp85d> #EquipePresidenteSkaf. Araraquara, 09 ago. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sckseuz>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>250</sup> Idem. Em 2014, queremos um #Brasil mais competitivo, com melhorias na #infraestrutura, menos #burocracia e menos juros. #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 02 jan. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/semvarz>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>251</sup> Idem. A burocracia no Brasil engessa as pessoas e empresas, impedindo a criação de mais #empregos. <https://tinyurl.com/tux4zv6> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 22 jan. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rm72t7o>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>252</sup> Idem. Baixar a carga tributária expressiva e reduzir a burocracia sufocante. É disso que o Brasil precisa. [S.I.] 19 jan. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vmgrp3ps>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>253</sup> Idem. Sociedade quer menos impostos e mais qualidade, diz Paulo Skaf em entrevista a @RonnieTodoSeu: <https://tinyurl.com/vwlqrxhttp>#EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 18 nov. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v93yvvc>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>254</sup> Com isto não estou dizendo que uma reforma tributária é desnecessária, pois é evidente que isto deve ser feito. O problema aqui é que a reforma que o empresário idealiza não é a que trará benefícios às(aos) trabalhadoras(es).

<sup>255</sup> SKAF. “De batalha em batalha, *estamos* ajudando a mudar, a melhorar as coisas no Brasil”, afirma Skaf #EquipePresidenteSkaf <https://tinyurl.com/wbdwy6n>. [S.I.] 06 fev. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wxk617w>>. Acesso em: 17 nov. 2019. O *estamos* refere-se à FIESP/CIESP, ou seja, futuras financiadoras do golpe.

Das duas uma: você fica reclamando do governo, pensando “a vida é assim mesmo”, ou faz alguma coisa a respeito. Se você escolheu a segunda opção, assine o manifesto #NãoVouPagaropato e faça a sua indignação chegar à Brasília<sup>256</sup>.

As manifestações de rua e a mídia, por fim, atuaram em conjunto. Apesar de Reinaldo Azevedo ver, inicialmente, com maus olhos as manifestações, ao presenciar um ato em São Paulo em que muitos manifestantes gritavam “fora PT e leva a Dilma com você”, o jornalista publicou em seu blog: “(...) Se houver todo dia gente no Anhangabaú, em plena praça pública, gritando ‘*Fora PT e leva a Dilma com você*’, sem fogueira, sem pancadaria, sem saque, sem depredação e sem violar o direito de ir e vir, *pode até ser que eu passe por lá para levar meus cabelos brancos*”<sup>257</sup>. E era este o motim idealizado pelo Movimento Nas Ruas. Ao dizer que “Estao sambando na nossa cara!” e afirmar que não “Não podemos parar de ir pra rua. Precisamos estar #nasruas diariamente”, o movimento deixava patente que o governo, compreendido por estes como petismo, devia ser combatido. Além disso, ambos se valiam das chamadas *fake news*. Se, por um lado, o Nas Ruas criticava a proposta do PT de reforma política, associando-a a uma política ditatorial, Azevedo, por outro lado, publicava algo parecido, porém identificava na proposta petista uma prática de totalitarismo: “Nos próximos meses veremos uma campanha do pt pela reforma política. Não se enganem, eles querem uma Constituinte!!!! #DitaduraNuncaMais”<sup>258</sup>, “PT dá largada à sua campanha de reforma política em busca do totalitarismo ‘democrático’”<sup>259</sup>. Finalmente, antes e após a aceitação da abertura do processo de impeachment, ambos convocaram a população para ir às ruas: “Já estamos no acampamento pelo impeachment. Venha pra cá, engrossar o coro!!!”<sup>260</sup>; “(...) manifestações pelo Brasil #VemPraRua #15deMarço”<sup>261</sup>; “É CHEGADA A HORA! O POVO DEVE IR AS

<sup>256</sup> Percebe-se que existe uma hierarquia de importância e, neste caso, as empresas/indústria vem sempre à frente das(os) trabalhadoras(es). Disponível em: <<http://www.naovoupagaropato.com.br/manifesto/>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>257</sup> Texto na íntegra: <<https://tinyurl.com/rfsnjnas>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Publicado em: 21 jun. 2013. Grifos meus.

<sup>258</sup> NAS RUAS. *Nos próximos meses veremos uma campanha do pt pela reforma política. Não se enganem, eles querem uma Constituinte!!!! #DitaduraNuncaMais*. [S.I.] 16 abr. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vzxoyln>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>259</sup> AZEVEDO. *PT dá largada à sua campanha de reforma política em busca do totalitarismo “democrático”*. [S.I.] 14 abr. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v2d85qy>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>260</sup> NAS RUAS. *Já estamos no acampamento pelo impeachment. Venha pra cá, engrossar o coro!!! Curta nossa página: nasruas...* [S.I.] 05 nov. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tug6q92>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>261</sup> AZEVEDO. *No portal G1, algumas fotos das manifestações pelo Brasil #VemPraRua #15deMarço*. São Paulo, 15 mar. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sgcj9yy>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

*RUAS! IMPEACHMENT JÁ!*<sup>262</sup>; “O impeachment só será também seu *se você estiver na rua no próximo domingo*”<sup>263</sup>.

---

<sup>262</sup> NAS RUAS. *É CHEGADA A HORA! O POVO DEVE IR AS RUAS! IMPEACHMENT JÁ!* [S.I.] 07 dez. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vhlstyn>>. Acesso em: 17 nov. 2019. Grifos meus.

<sup>263</sup> AZEVEDO. *O impeachment só será também seu se você estiver na rua no próximo domingo.* [S.I.] 09 dez. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tmudvpx>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações de junho de 2013, como demonstrado no subcapítulo intitulado *Pré-Golpe: Junho de 2013*, foram importantes para o desenrolar do golpe de Estado que aconteceria em 2016, pois é neste momento que a classe média passaria a se autoproclamar defensora da democracia e contrária à corrupção, a petista é óbvio, mal que deveria ser combatido. Mobilizando seus pares, a classe média, alicerce do golpe, não deixaria as ruas até conseguir o que queria: a derrubada do PT do governo.

Não obstante, esta classe, embora tenha contribuído para criar uma aparência de legalidade, afinal de contas eram livres e estavam ocupando as ruas a seu bel prazer, foi utilizada pela grande mídia empresarial. Esta, ao perceber nas manifestações uma oportunidade para atacar o petismo, mobilizou seus recursos para isto, passando a rebocar o movimento, ditando quais pautas eram centrais e federalizando-as. Em um primeiro momento, criminalizou-se a esquerda que havia ido às ruas lutar pela redução da tarifa. Conforme demonstrou-se, Reinaldo Azevedo também propagou tal ideia, chamando esses manifestantes de “burguesinhos”, “fascistoides”, “terroristas”, e toda a sorte de pejorativos. Porém, ao contrário da mídia tradicional que passou a identificar no movimento uma possibilidade de crítica ao governo, Azevedo continuava criticando as manifestações. Esta situação só se inverteria mais tarde, quando o jornalista disse que apoiaria a população se fosse contra o petismo.

O antipetismo também pode ser visualizado em diversas publicações do Movimento nas Ruas, usuário criado por Carla Zambelli para divulgar as manifestações de junho de 2013. Aqui, além de atacar, sempre que possível, o governo e o partido do governo, os insultos foram também personificados na figura da presidenta Dilma, tida como incapaz, mentirosa e, pior de tudo, condescendente da corrupção. Assim sendo, quando amadureceu-se a ideia do impeachment, esta pauta passou a ser guia do Movimento, e diversos tuítes foram publicados solicitando o impedimento da presidenta eleita democraticamente.

Além desses sujeitos, o grupo de empresários que rumam à ideologia neoliberal, vai promover, diuturnamente, o desgaste, junto à opinião pública, do governo. Paulo Skaf, como buscou-se demonstrar, desde suas primeiras manifestações públicas em sua mídia social,

criticou a política econômica adotada pelo governo, entendida por ele como “burocrática”. É evidente que tal crítica se devia ao “excesso de Estado” defendido pelo governo. As críticas persistiram até o ultimato: desburocratiza-se o Estado ou mobilizaremos a sociedade para não pagarmos o pato. Dito e feito. Financiaram as manifestações, até atingir o grande objetivo, ou seja, derrubar Dilma e implementar, contrariando a agenda política vencedora das eleições, uma política econômica em sintonia com seus interesses, com Michel Temer à frente.

Michel Temer, ao contrário dos demais, parecia-me procurar outra saída e, como não obteve apoio político partidário de seu partido, trocou de lado e participou do impeachment. Contradizendo-se, após diversas vezes elogiar o governo e sobretudo a presidenta Dilma, Temer passou a apoiar o impeachment, ainda que não expressasse isto em seus tuítes. O mesmo, porém, não pode ser dito de Eduardo Cunha, seu aliado de partido. Este sujeito era indigno de confiança desde 2013. Entre poucos elogios e muitas críticas tecidas, demonstrou, amiúde, seu lado de oposição, malgrado não formalizar isto até 2015 sobretudo após a votação favorável, por parte da legenda petista, de sua investigação na Comissão de Ética. A partir disto, não mediu esforços para romper com o PT, tendo como consequência final a aceitação da abertura do processo de impeachment.

Tendo em vista as análises expostas, as mídias sociais desempenharam, sobretudo a partir do desenvolvimento da web 2.0, papel nevrálgico em todo esse processo. Seja como espaço catalisador das manifestações ou como ferramenta de propulsão do pensamento dos sujeitos envolvidos no golpe. Os sinais, neste sentido, foram dados, sutilmente por alguns, explicitamente por outros, nestes espaços muito antes de abril de 2016. Além destes sinais, as mídias sociais contribuíram para a construção, junto à opinião pública, da imagem de um governo corrupto.

No que tange ao impacto do Twitter no processo, embora seja difícil analisarmos o impacto real que os tuítes tiveram no impeachment, muito destes também eram republicados no Facebook, mídia social que, à época, tinha maior poder de mobilização. Assim sendo, os tuítes ajudaram a propulsionar também o que era publicado no Facebook e em outras mídias pessoais dos atores aqui estudados, evidenciando que estes utilizavam o Twitter para expor o que pensavam, buscando ainda mais adeptas(os) de seus ideais.

Para estudar tais manifestações, imprescindível é a compreensão do conceito de discurso político, porque, ainda que tuítes não sejam fontes usuais para a história, seu uso

como tal deve ser feito com crítica e método, baseado e sustentado em referenciais teóricos sólidos. O discurso político, neste sentido, ajudou a selecionar os tuítes que seriam analisados, porque foi a partir desta teoria que se teve a percepção de que qualquer discurso que incida sobre a política é passível de ser analisado. Ademais, evidenciou-se, à luz da teoria, que as publicações dos sujeitos do golpe foram se modificando: uns de maneira mais rápida, outros de forma mais lenta. Estes discursos foram possibilitados pelo contexto político em que o país vivia, pois a mídia tradicional, ao construir a imagem de um governo corrupto e, portanto, passível de críticas, tornou possível que os atores retirassem seu apoio, ou mesmo criticassem ferozmente o governo, da noite para o dia.

Sobre o processo do golpe em si, como argumentou-se, percebe-se que uma nova roupagem foi utilizada: os golpes clássicos modificaram-se para aparentar legalidade. Por tal razão, em um primeiro momento, diversos(as) analistas e testemunhas oculares afirmaram que o processo corria dentro da legalidade jurídico-normativa e, de certa forma, é correto afirmar que o processo de impeachment se manteve dentro dos padrões normativos. Porém, ao basear-se em pedaladas fiscais para justificar este processo, a máscara da legalidade decompôs-se. Isto se confirma pelo fato de que Dilma não teve seus direitos cassados, podendo concorrer nas próximas eleições. Ademais, o governo do recém empossado Michel Temer, implementou a agenda neoliberal, praticando privatizações, sucateamento dos serviços públicos, congelamento de verbas (PEC 55/2016).

Porém, apesar de tudo isso, engana-se quem pensa, ao visualizar tais acontecimentos, que o golpe fora contra o petismo, Dilma ou a corrupção. O golpe vem, externamente, para manter a geopolítica internacional de centro-periferia; internamente, porém, é motivado pelo ódio às mínimas conquistas que a população pobre e negra deste país conquistou nos governos Lula e Dilma: o direito de viajar e ocupar um espaço que tradicionalmente só a classe média ocupava; o direito ao acesso às universidades federais e, portanto, a uma qualificação pessoal; o direito de desenvolver um pensamento prospectivo. Internamente, para as classes médias que o apoiaram, é este o real significado.

Todavia, apesar deste significado mais amplo, o que se esperava, após destituir Dilma, era derrotar o petismo nas próximas eleições, elegendo um candidato da direita tradicional, identificado no PSDB. Todavia, o golpe saiu do controle: Alckmin, candidato dos golpistas,

afundou-se. Contudo, como a ideia central de que o petismo era a escória deste país e merecia ser combatido, um candidato da extrema-direita ganhou destaque como baluarte desta bandeira: Jair Messias Bolsonaro. Sendo Lula, principal candidato com chances reais de derrotar este sujeito nas urnas, um preso político e estando, portanto, impedido de concorrer às eleições de 2018, o resultado veio: Bolsonaro eleito. Agora, além da política econômica neoliberal, aplica-se uma política autoritária, movida pelo ódio, com perseguições a seus inimigos (não são mais oposição). Sobre isto, não tenho dúvidas: vai passar. Como lembra Chico Buarque: amanhã vai ser outro dia. Todavia, o problema central, é que o futuro tarda a chegar, e as feridas ocasionadas pelo golpe levarão muito tempo para cicatrizar.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### 1) FONTES PRIMÁRIAS

#### 1.1.1. @DepEduardoCunha

CUNHA, Eduardo. *A proposta apresentada pelo PT para plebiscito nao contara com o apoio da bancada do PMDB*. [S.I.] 28 ago. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/twyjphr>>.

\_\_\_\_\_. *O Pt tem mais condições de competir em gastos de campanha,por isso para eles reduzir custo nao e a prioridade*. [S.I.] 25 set. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v43hhwe>>.

\_\_\_\_\_. *O nunnero de insatisfeitos na bancada do PMDB aumenta a cada dia e parece que vai aumentar mais com essas agressões descabidas*. [S.I.] 07 mar. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wh7efmb>>.

\_\_\_\_\_. *Não sigo e nem seguirei a minha vontade e sim a da maioria da bancada*. [S.I.] 05 mar. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/u3wfxv7>>.

\_\_\_\_\_. *Além disso e bom que saibam que dentro da bancada da Camara,tenho sido bombeiro,porque a vontade de muito tempo já era de sair fora*. [S.I.] 07 mar. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rlcz8ez>>.

\_\_\_\_\_. *“Não serei submisso ao Planalto”, diz Eduardo Cunha*. 10 nov. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yx3cohxt>>. [S.I.] Disponível em: <<https://tinyurl.com/tyb3mrp>>.

\_\_\_\_\_. *Presidente da Câmara receberá, em 30 dias, parecer jurídico sobre pedido de #impeachment*. [S.I.] 17 jul. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tyb3mrp>>.

\_\_\_\_\_. *Cunha diz que vai analisar novos pedidos de #impeachment ainda hoje*. [S.I.] 01 out. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rews4b2>>.

\_\_\_\_\_. *Cunha recebeu hoje, da oposição, novo pedido de #impeachment de @dilmabr*. [S.I.] 21 out 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/u9hz4cs>>.

\_\_\_\_\_. *Podera valer para as eleicoes de 2014.* [S.I.] 28 ago. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2shqx3p>> .

\_\_\_\_\_. *Um dos problemas que estao revoltando nos gastos da copa e que o povo nao tem como pagar os altos precos dos ingressos,mas paga a conta copa.* [S.I.] 23 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y3hd9cvg>>.

\_\_\_\_\_. *Quem sera que defende a baderna alem dos baderneiros?.* [S.I.] 10 set. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2g9b3cw>>.

\_\_\_\_\_. *Câmara ouviu voz das ruas e disse não à PEC 37, diz Eduardo Cunha, aplaudido pela galeria em discurso contra PEC.* [S.I.] 25 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rekccje>>.

\_\_\_\_\_. *E mais uma iniciativa do Governo positiva para a economia.* [S.I.] 10 out. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ro8q27o>>.

\_\_\_\_\_. *O PMDB faz parte da base do governo e assim continuara.* [S.I.] 30 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w7x986o>>.

\_\_\_\_\_. *Nunca passou pela minha cabeça construir qualquer candidatura de oposicao,ate porque meu partido não é oposicao.* [S.I.] 30 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tjexwea>>.

\_\_\_\_\_. *Se por ventura no futuro decidir colocar a candidatura,ela não será de oposição ao governo.* [S.I.] 30 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/uxef5h5>>.

\_\_\_\_\_. *O que falei e que a casa não quer dar poder hegemônico a um único partido,dai a dificuldade do PT.* [S.I.] 30 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tqu2zyc>>.

\_\_\_\_\_. *Nao tenho duvidas que essa decisão do PT faz parte de estratégia para diminuir a bancada dos aliados visando a aumentar a deles.* [S.I.] 25 set 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/scs4sms>>.

\_\_\_\_\_. *O PMDB tera,em algum momento,que se definir se quer ou não ficar nessa alianca.* [S.I.] 07 mar. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wlqzth7>>.

\_\_\_\_\_. *Temos divergências sim com o Pt em vários pontos,mas nada que precise transformar a disputa Parlamento em guerra.* [S.I.] 2 nov. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vw8v8jl>>.

### 1.1.2. @MichelTemer

TEMER, Michel. *@dilmabr é, sem dúvida, a pessoa com mais capacidade de conduzir nosso país nos próximos quatro anos.* [S.I.] 30 jul. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/srupm4e>>.

\_\_\_\_\_. *"Quem dá o tom da política no país é o PMDB" - entrevista ao jornal Brasil Econômico:* <http://migre.me/h3peG>. [S.I.] 17 dez. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wwkdo7m>>.

\_\_\_\_\_. *"Uma Ponte Para O Futuro é documento que contém uma proposta do PMDB para o País retomar o caminho do crescimento, da justiça social..."*. Brasília, 17 nov. 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/r8pzk7d>>.

\_\_\_\_\_. *Desde a Constituição de 88, o PMDB tem sido o centro da governabilidade do país.* São Paulo, 31 jul. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/twuksnk>>.

\_\_\_\_\_. *(AI) Michel Temer afirmou hoje que o governo federal deve "dialogar com os manifestantes e procurar soluções para os problemas".* [S.I.] 18 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w6ofxsd>>.

\_\_\_\_\_. *(AI) Em entrevista à BBC Brasil, Temer disse que "a manifestação é um direito democrático, estipulado em nossa Constituição".* [S.I.] 18 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qoc3zmd>>.

\_\_\_\_\_. *(AI) A aliança Dilma-Michel Temer já retirou 1,4 milhões de mineiros da extrema pobreza em apenas quatro anos.* [S.I.] 01 ago. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/scc3tcm>>.

\_\_\_\_\_. *Bela a cerimônia de comemoração dos 10 anos do bolsa família. Mais de 36 milhões de brasileiros fora da miséria. Uma vitória do Brasil.* [S.I.] 30 out. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/thewlt8>>.

\_\_\_\_\_. *Com a infraestrutura que está sendo criada, o Brasil dará um salto nos próximos anos.* [S.I.] 5 jun. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vs96f9k>>.

\_\_\_\_\_. *Oferecemos crédito, abrimos mercados e garantimos o crescimento desse setor que é um dos grandes orgulhos do nosso país.* [S.I.] 06 ago. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/umaqmua>>.

\_\_\_\_\_. *O Brasil gerou 20 milhões de empregos em 10 anos. E isso na grave crise econômica internacional. Portanto, o Brasil continua prosperando.* [S.I.] 04 abr. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w4sda4r>>.

\_\_\_\_\_. *As pessoas vão perceber que a aliança PT-PMDB é muito forte e é o melhor para o Estado.* [S.I.] 24 jul. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/uncvhcp>>.

\_\_\_\_\_. *O que nós fizemos pelo país não tem tamanho.* [S.I.] 14 set. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qwflxcc>>.

\_\_\_\_\_. *(AI) O governo não governou só pra uma classe social. Em 2002, eram 12 milhões de pessoas com padrão de vida melhor. Hj são 30 milhões.* São Paulo, 10 dez. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/thjrx3n>>.

\_\_\_\_\_. *“Se é para continuar as políticas públicas, ninguém melhor do que quem já as estão fazendo, nossa presidenta @dilmabr”, #MichelTemer.* [S.I.] 20 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v64bty4>>.

\_\_\_\_\_. *Tenho muito orgulho de estar ao lado de @dilmabr por que ela tem o governo do diálogo com todos.* #MichelTemerEmJales. Lages, 30 ago. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tev7hrp>>.

\_\_\_\_\_. *@dilmabr dialoga com os pobres, dialoga com os empresários, com o agronegócio. Ela respeita e preserva as instituições.* [S.I.] 30 ago. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v2pvnvf>>.

\_\_\_\_\_. *Quem garante a presença dos mais humildes no supermercado é a @dilmabr, quem proporciona a primeira viagem de avião de muitos é ela.* Lages, 27 set. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w6rx4hw>>.

\_\_\_\_\_. *Devemos apoiar @dilmabr porque este é um dos governos que mudou a história desse país.* Lages, 27 set. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tv5ofvf>>.

\_\_\_\_\_. *@dilmabr é, sem dúvida, a pessoa com mais capacidade de conduzir nosso país nos próximos quatro anos.* [S.I.] 30 jul. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/srupm4e>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. *O impeachment é impensável, geraria uma crise institucional. Não tem base jurídica e nem política.* [S.I.] 29 mar. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wb5ufg9>>.

\_\_\_\_\_. *Só se pode pleitear impeachment em hipóteses constitucionais. Em nenhuma delas, há esta possibilidade.* Espanha, 23 abr. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/quxqkb5>>.

\_\_\_\_\_. *"Eu a presidente @Dilmabr não damos muita importância sobre o que sai nos jornais. Estamos vacinados contra eventuais intrigas".* Brasília, 18 mar. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vmz5cs2>>.

\_\_\_\_\_. *São infundados os boatos de que deixei a articulação política. Continuo. Tenho responsabilidades com meu país e com a presidente Dilma.* São Paulo, 07 ago. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/seyj8oo>>.

\_\_\_\_\_. *#Video "Vivemos regime de normalidade democrática extraordinária"* <https://tinyurl.com/vsgjvl4>. Brasília, 09 dez. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qu3rf6b>>.

\_\_\_\_\_. *Por mais crise econômica e política que possa ter, não há crise institucional.* São Paulo, 11 nov. 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/suspswb>>.

### 1.1.3. @Nas\_Ruas

Movimento, Nas Ruas. *Impeachment Dilma Rousseff é imprescindível! Reparos Urgentes precisam ser feitos! Somos Chacota política.* [S.I.] 14 jan. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/t2tdt2e>>.

\_\_\_\_\_. *Impeachment #ForaDilma #ForaPT.* [S.I.] 18 mar. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yx72ohkf>>.

\_\_\_\_\_. *É hoje, não esqueçam de colocar a hashtag antes, assim: #ForaPT #ForaDilma #SaiDilmaVez Copie e cole!!.* [S.I.] 26 abr. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ro8qkuf>>.

\_\_\_\_\_. *É PT, o povo BRASILEIRO se cansou de dois pesos e duas medidas para tudo. #FORAPT.* [S.I.] 30 ago. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tg4ms7c>>.

\_\_\_\_\_. *2016 sem Dilma. 2016 , todos nós unidos, nas ruas, pelo impeachment ! #2016semPT.* [S.I.] 24 dez. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tmh48jj>>.

\_\_\_\_\_. *#limpezaMinisterial defendemos a redução no número de ministérios.* [S.I.] 25 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/u3vs68c>>..

\_\_\_\_\_. *Diga NÃO! Às bandeiras partidárias nos protestos.* [S.I.] 23 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sx4t5f5>>.

\_\_\_\_\_. *A PresidentA mentiu, e agora?.* [S.I.] 23 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sxmaudf>>.

\_\_\_\_\_. *“@Mara\_Zumpa: Entidades internacionais apóiam o MP brasileiro na luta contra a PEC 37. O lema é #SouContraPEC37 , a PEC da Impunidade.”* [S.I.] 11 jan. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vsm2jsk>>..

\_\_\_\_\_. *Nos próximos meses veremos uma campanha do pt pela reforma política. Não se enganem, eles querem uma Constituinte!!!! #DitaduraNuncaMais.* [S.I.] 16 abr. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vzxoyln>>.

\_\_\_\_\_. *Já estamos no acampamento pelo impeachment. Venha pra cá, engrossar o coro!!! Curta nossa página: nasruas...* [S.I.] 05 nov. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tug6q92>>.

\_\_\_\_\_. *É CHEGADA A HORA! O POVO DEVE IR AS RUAS! IMPEACHMENT JÁ!* [S.I.] 7 dez. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vhlstyn>>.

#### 1.1.4. @SkafOficial

SKAF, Paulo. *#Burocracia atrapalha crescimento, diz Paulo Skaf para a rádio @MORADAFM, de #Araraquara.* <http://bit.ly/13UnqX5> #EquipePresidenteSkaf. 09 ago. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sckseuz>>.

\_\_\_\_\_. *Leia 'A conta não é nossa', novo artigo do presidente da @Fiesp e do @Ciesp no @DiarioSP.* <http://bit.ly/1dQl6Vx> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 22 jul. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y447jmmn>>.

\_\_\_\_\_. *"Essa política econômica freia o crescimento e já não funciona mais" (Skaf sobre Selic em 10%)* <http://bit.ly/ItoHjs> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 27 nov. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/u2xy4rm>>.

\_\_\_\_\_. *Em nota oficial sobre resultado do PIB de 2013, Skaf afirma: "já passamos da hora de mudar a política econômica".* #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 27 fev. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qsran3y>>.

\_\_\_\_\_. *"Se necessário, não hesitaremos em mobilizar a sociedade para, juntos, lutarmos no Congresso contra qualquer..."* <http://fb.me/3TOOsR3WK>. [S.I.] 19 jan. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vc2473r>>.

\_\_\_\_\_. *"Veto da presidente Dilma aos 10% de multa no #FGTS não contribui para crescimento do país".* <https://tinyurl.com/r7pwj44> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 25 jul. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/s3ybvjpj>>.

\_\_\_\_\_. Vamos trabalhar para a derrubada desse veto", afirma Paulo Skaf sobre adicional de 10% do FGTS <https://tinyurl.com/wjzmm8> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 05 ago. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yx2kardr>>.

\_\_\_\_\_. *Derrubar o veto presidencial que mantém a cobrança de multa adicional de 10% sobre o FGTS é uma das lutas da @Fiesp.* #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 18 ago. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v3sfosl>>.

\_\_\_\_\_. *Nota oficial aponta equívoco na decisão do Congresso Nacional sobre adicional de 10% do #FGTS:* <https://tinyurl.com/udcg2qj> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 18 set. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/t3bfuwu>>.

\_\_\_\_\_. *#Burocracia atrapalha crescimento, diz Paulo Skaf para a rádio @MORADAFM, de #Araraquara.* <https://tinyurl.com/rhnp85d> #EquipePresidenteSkaf. Araraquara, 09 ago. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sckseuz>>.

\_\_\_\_\_. *Em 2014, queremos um #Brasil mais competitivo, com melhorias na #infraestrutura, menos #burocracia e menos juros.* #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 02 jan. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/semvarz>>.

\_\_\_\_\_. *A burocracia no Brasil engessa as pessoas e empresas, impedindo a criação de mais #empregos.* <https://tinyurl.com/tux4zv6> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 22 jan. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rm72t7o>>.

\_\_\_\_\_. *Baixar a carga tributária expressiva e reduzir a burocracia sufocante. É disso que o Brasil precisa.* [S.I.] 19 jan. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vmgrp3ps>>.

\_\_\_\_\_. *Sociedade quer menos impostos e mais qualidade, diz Paulo Skaf em entrevista a @RonnieTodoSeu:* <https://tinyurl.com/vwlqrxhttp> #EquipePresidenteSkaf. [S.I.] 18 nov. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v93yvvc>>.

\_\_\_\_\_. *"De batalha em batalha, estamos ajudando a mudar, a melhorar as coisas no Brasil", afirma Skaf* #EquipePresidenteSkaf <https://tinyurl.com/wbdwy6n>. [S.I.] 06 fev. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wxk6l7w>>.

### 1.1.5. @ReinaldoAzevedo

AZEVEDO, Reinaldo. *Foi Dilma que fez: Elétricas perdem quase R\$ 40 bilhões na Bolsa: Na <http://VEJA.com>: A crise no setor elétr... <http://bit.ly/VQAucW> . [S.I.] 11 jan. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/toqfflk>>.*

\_\_\_\_\_. *O Brasil tem jeito: privatização de estatais e quase extinção de cargos de confiança. Vai encarar, Dilma?.* [S.I.] 14 dez. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rsfsyf4>>.

\_\_\_\_\_. *Campanha de Dilma imita peças das ditaduras militar e do Estado Novo e cria o “Pessimildo”.* [S.I.] 16 set. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/trrjtpq>>.

\_\_\_\_\_. *PT celebra a política do ódio.* [S.I.] 21 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rtwmvqf>>.

\_\_\_\_\_. *Dilma vence por pouco e tem à sua frente a economia estagnada e o fantasma do impeachment. Pode contar com a gente...* [S.I.] 26 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sf4zn8m>>.

\_\_\_\_\_. *Tesoureiro do PT, considerado peça-chave do Petrolão, é um dos homens fortes da campanha de Dilma.* [S.I.] 21 out. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qpv47xp>>.

\_\_\_\_\_. *O regime petista prometeu conduzir a Petrobras à glória. O regime petista quebrou a #Petrobras. Tem que pagar...* [S.I.] 19 nov. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/s7m6fsc>>.

\_\_\_\_\_. *Quanto custa para comprar um deputado ou um senador? Dilma está pagando R\$ 748 mil por cabeça!.* [S.I.] 01 dez. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/udhy3e8>>.

\_\_\_\_\_. *Movimento Passe Livre: um escárnio com o dinheiro público.* [S.I.] 11 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sc5977z>>

\_\_\_\_\_. *NOVE(!) burguesinhos pararam o trânsito na Marg.Pinheiros, cassando o direito de ir e vir de quem trabalha de verdade.* [S.I.] 11 jun. 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ut7jgd4>>.

\_\_\_\_\_. *Passe Livre — milhões de trabalhadores e estudantes são refens da truculência de meia-dúzia de fascistoides.* [S.I.] 11 jun. 2019. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sxv4gng>>.

\_\_\_\_\_. *Acredite: tem DINHEIRO PÚBLICO por trás dos vândalos que querem "passe livre" nos ônibus!.* [S.I.] 12 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ulznhqf>>.

\_\_\_\_\_. *Os terroristas que ameaçam a segurança dos paulistanos já estão na antessala do prefeito.* [S.I.] 12 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rq3gtd4>>.

\_\_\_\_\_. *Tem gente tratando as manifestações contra o aumento da passagem como manifestações pelos direitos civis! Não são!* [S.I.] 10 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxygzxzw>>.

\_\_\_\_\_. *Apesar de cobertura favorável às manifestações, Globo vira alvo de protestos e é chamada de "fascista".* [S.I.] 17 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vkv6hol>>.

\_\_\_\_\_. *Uma líder do MPL parecia até irritada c/a tentativa da imprensa de tentar ampliar a pauta. Deixou claro: querem a redução da tarifa.* [S.I.] 18 jun. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/xfou4c4>>.

\_\_\_\_\_. *Eu me oponho a PEC 37. Mas também acho que é hora de o MP descobrir que não é o Quarto Poder, acima dos outros.* [S.I.] 23 abr. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/s7rghad>>.

\_\_\_\_\_. *PT dá largada à sua campanha de reforma política em busca do totalitarismo "democrático".* [S.I.] 14 abr. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v2d85qy>>.

\_\_\_\_\_. *No portal G1, algumas fotos das manifestações pelo Brasil #VemPraRua #15deMarço.* São Paulo, 15 mar. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sgcj9yy>>.

\_\_\_\_\_. *O impeachment só será também seu se você estiver na rua no próximo domingo*. [S.I.] 09 dez. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tmudvpx>>.

## 2) BIBLIOGRAFIA

ALCKMIN, José Eduardo Rangel de. *et al. Ação de Investigação Judicial Eleitoral*. Brasília. 18 dez. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y5ex6q9p>>.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos*, v. 3, n. 8, jan.-jun. 2011. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qv5gek6>>.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Apresentação. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o Golpe de 2016: poder estrutural, condição e ideologia. *Economia Contemporânea*, n. especial, 2017. Disponível em: <<https://tinyurl.com/raay53u>>.

BAUER, Caroline Silveira. *Brasil e Argentina: ditaduras, desaparecimentos e políticas de memória*. 2ed. Porto Alegre: Medianiz, 2014.

BLOCH, Marc. *Apologia da História. Ou o ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de política*. Brasília, EdUNB, 1993.

BOITO JR, Armando. Os atores e o enredo da crise política. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016.

CARVALHO, Alessandra. “Democracia e desenvolvimento” versus “Segurança e desenvolvimento”: as eleições de 1974 e a construção de uma ação oposicionista pelo MDB na década de 1970. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, jul/dez., 2012. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yx78chsd>>.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Transversos*, v. 7, n. 7, set. 2016. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wm9w5f3>>.

COLIMA, Leslie; CABEZAS, Diego. Análisis del rap social como discurso político de resistencia. *Bakhtiniana*, São Paulo, 12 (2), mai./ago., 2017. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ruv9uup>>.

CONY, Carlos Heitor. *A revolução dos caranguejos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Ian. Talis, Web. 2.0 and all that. *Blog Ian Davis*, jul., 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxyahjx6>>.

DAVISON, Graeme. Paradigms of public history. *Australian Historical Studies*, v. 24, n. 96, 1991. Disponível em: <<https://tinyurl.com/voqaqu3>>.

DEBERT, Guita Grin. *Ideologia e populismo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

FICO, Carlos. *História do Brasil Contemporâneo*: da morte de Vargas aos dias atuais. São Paulo: Contexto, 2016.

FOSTER, Meg. Online and plugged in?: Public Historian and Historians in the digital age. *Public History Review*, v. 21, 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y3wtqbxg>>.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única ou de a shared authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana; ALMEIDA, Juniele; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das manifestações de Junho de 2013. *Revista Latinoamericana*, v. 15, n. 44, 2016. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vpjs5ax>>.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere* (v. 3): Maquiavel, notas sobre o estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

GRIJÓ, Luiz Alberto. A democracia sequestrada: mídia e poder no Brasil atual. *Anos 90*, v. 23, n. 43, jul., 2016. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qmtv8v3>>.

\_\_\_\_\_. O golpe invisível: mídia, política, história e a universidade em tempos incertos. In: BATISTELLA, Alessandro; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; ANGELI, Douglas Souza (orgs.). *Capítulos de História Política*. São Leopoldo: OIKOS, 2018.

GUIMARÃES, Ulisses. *Navegar é preciso. Viver não é*. Brasília, 1973. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y64orovh>>.

GUTIÉRREZ, Silvia. Discurso político y argumentación. *Tercer Coloquio Latinoamericano de Estudios del Discurso*, 3, 1999, Santiago. *Discurso para el cambio*. Santiago: Universidade do Chile e Pontificia Universidade Católica do Chile, 2002. Disponível em: <<https://tinyurl.com/a4qfwh5>>.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. A longa transição de conciliação ou estigma de cordialidade: democracia descontínua e de baixa intensidade, In: SANTOS, Cecília MacDowell; TELES, Edson; TELES, Janaína (orgs.). *Desarquivando a ditadura: memória, justiça e no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2009.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

KAPLAN, Andreas; HAENLEIN, Michael. Users of the world, unite! The challenges and opportunities of Social Media. *Business Horizons* 53, 2010. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w6x5hsu>>.

KELLEY, Robert. Public history: Its origins, nature, and prospects. *The Public historian*, v. 1, n. 1, 1978. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qulubkc>>.

KUCINSKI, Bernardo. *O fim da ditadura militar*. São Paulo: Contexto, 2001.

LEÃO, Lucia. *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: FAPESP, 2001.

LÈVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. Tradução de Juremir Machado da Silva. *FAMECOS*, n. 9, dez. 1998. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2ry8xhq>>.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública?. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LOPES, Mauro. As quatro famílias que decidiram derrubar um governo democrático. JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

LöWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. *Por que gritamos golpe?* Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

LUCCHESI, Anita. A história sem fio: questões para o historiador da Era Google. *Anais do XV Encontro Regional de História - ANPUH-RIO*, 2012. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yx6pmkok>>.

MACHADO, Patrícia da Costa. Justiça de transição no Brasil: a atuação do Supremo Tribunal Federal e a reinterpretção da Lei da Anistia na ADPF nº 153. In: GALLO, Carlos Artur; RUBERT, Silvania (Orgs.) *Entre a memória e o esquecimento* - estudos sobre os 50 anos do golpe civil-militar no Brasil. Porto Alegre: Deriva, 2014.

MAUAD, Ana Maria. Posfácio - O carnaval da História Pública. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (orgs.). *História Pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

\_\_\_\_\_; ALMEIDA, Juniele; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MÉVEL, Yannick; TUTIAUX-GUILLON, Nicole. *Didactique et Enseignement de l'Histoire-géographie au Collège et au Lycée*. França: Publibook, 2013.

MEYENBERG, Yolanda; LUGO, José Antonio. *Palabra y poder*. Manual del discurso político. México: Grijalbo, 2011.

MIGUEL, Luis Felipe. “Falar bonito”: o Kitsch como estratégia discursiva. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 6, jul.-dez., 2011. Disponível em: <<https://tinyurl.com/spzmb68>>.

MIORANDO, Bernardo Sfredo. Ação conservadora e o golpe brasileiro de 2016: vislumbres da Venezuela de 2002 nos embates entre dependência e desenvolvimentos. *Rebela*, v. 8, n. 1, jan./abr., 2018. Disponível em: <<https://tinyurl.com/t624mxn>>.

MORAES, Luis Edmundo de Souza. O negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o passado. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, 2011. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sn4urfn>>.

NAPOLITANO, Marcos. Nunca fomos tão felizes: o milagre econômico e seus limites. In: *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc*, v. 11, n. 1, mai., 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/uspc2un>>.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990

PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). *Lua Nova*, São Paulo, 100, 2017. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rck49vf>>.

\_\_\_\_\_. *Com a palavra o senhor presidente José Sarney* (ou como entender os meandros da linguagem do poder). São Paulo: Hucitec, 1989.

\_\_\_\_\_. Elementos para uma análise de discurso político. *BarBarói*, n. 24, 2006. Disponível em: <<https://tinyurl.com/r9dxucr>>.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significado: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana; ALMEIDA, Juniele; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTOS, Fabiano; SZWAKO, Santos. Da ruptura à reconstrução democrática no Brasil. In: *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 40, n. especial, 2016. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vmya9fu>>.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEGARRA, Josep. “*Paz entre nós, guerra aos senhores!*”: uma etnografia sobre o Bloco de Lutas pelo Transporte Público e a ocupação da Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Dissertação em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rbb4b5h>>.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O tempo da ditadura - regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009 - Coleção O Brasil Republicano, v. 4.

SINGER, André. Brasil, Junho de 2013. Classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos* 97, nov., 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wgs37kc>>.

\_\_\_\_\_. Cutucando onças com varas curtas: o ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). *Novos Estudos* 102, jul. 2015. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tb5j3jw>>.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

\_\_\_\_\_. *A radiografia do golpe*. Entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

SPYER, Juliano. *Conectado: o que a Internet fez com você e o que você pode fazer com ela*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

STEIN, Alexandre de Queiroz. *Desenvolvimento no primeiro governo Dilma: intencionalidade, capacidades políticas e financeirização*. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Ciências Econômicas na UFRGS, 2016. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tbat5t5>>.

THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

VIDAL, Laurent. La mascarade olympique permet d'occulter la tragédie politique. *Le Monde*, Paris, Débats et analyses, 14/15 jun., 2016. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wm6624e>>.

WASSERMAN, Claudia. *Palavra de presidente*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.

WEBER, Maria Helena; ABREU, Carmen Regina. Debate político-eleitoral na televisão: jogo de cena e dispositivo estratégico. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Mídia, representação e democracia*. São Paulo: Hucitec, 2010.